

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

**CINTIA RODRIGUES DE ALMEIDA
LUANNA GABRIELY MENDES DO NASCIMENTO**

**PAULICÉIA 2.0 DOS INDESEJADOS:
O USO DE GEOTECNOLOGIAS COLABORATIVAS NO ESTUDO DA HISTÓRIA**

**GUARULHOS
2021**

**CINTIA RODRIGUES DE ALMEIDA
LUANNA GABRIELY MENDES DO NASCIMENTO**

**PAULICÉIA 2.0 DOS INDESEJADOS:
O USO DE GEOTECNOLOGIAS COLABORATIVAS NO ESTUDO DA HISTÓRIA**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Universidade Federal de São
Paulo como requisito parcial para obtenção
do título de licenciado em História

Orientação: Professor Dr. Luis Ferla

**GUARULHOS
2021**

ALMEIDA, Cintia. NASCIMENTO, Luanna.

Paulicéia 2.0 dos indesejados: O uso de geotecnologias colaborativas no estudo da História/Cintia Almeida, Luanna Nascimento. – 2021
61f.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2021.

Orientação: Luis Ferla

1.Humanidades Digitais 2. História de São Paulo 3. Geotecnologias. I.Prof. Dr. Luis Ferla.
II.Paulicéia 2.0 dos sujos, imorais e indesejados: Estudos de caso em Humanidades Digitais.

CINTIA RODRIGUES DE ALMEIDA
LUANNA GABRIELY MENDES DO NASCIMENTO
PAULICÉIA 2.0 DOS INDESEJADOS: O USO DE GEOTECNOLOGIAS
COLABORATIVAS NO ESTUDO DA HISTÓRIA

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Universidade Federal de
São Paulo como requisito parcial para
obtenção do título de licenciado em
História

Aprovação: ____/____/____

Prof. Dr. Luis Ferla

Dra. Aracele Torres

Prof. Dr. Janes Jorge

Aos nossos pais,
Milton e Carmen Lucia (In memorian)
Sônia e Souza

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos começam na minha família, que mesmo não entendendo a minha escolha pelo curso de História me apoiaram durante toda a minha graduação. Um obrigado especial a minha mãe que sempre lutou para que eu tivesse uma educação de qualidade. Espero que a Sra. esteja orgulhosa aí no céu.

Agradeço aos amigos que fiz nessa longa jornada na Unifesp, penso que sem vocês eu teria desistido. Obrigada Vicka, Gabizinha, Lara, Brunete, Ester e Virgínia por todos os memes, discussões e tristezas compartilhadas.

Meus agradecimentos também vão para o grupo Hímaco (também conhecido popularmente como “Turma da Mona”), que foi essencial durante a minha trajetória acadêmica. Me considero sortuda por fazer estar perto de pessoas tão inteligentes e que me fizeram enxergar as variadas formas de se estudar e pesquisar História. Sindímaco VIVE.

Também para a equipe do Bom Retiro, em especial o Professor Jeffrey Lesser por todo o apoio e troca durante nossos anos de pesquisa. Muito do que está escrito neste trabalho só foi possível devido ao trabalho árduo de nosso grupo.

Agradeço a minha companheira, Kaori, por todo o apoio durante essa pesquisa e por sempre estar disposta a ouvir as minhas lamúrias. Perdi a conta de quantas vezes eu me senti incapaz e ela sempre esteve presente para me lembrar da minha capacidade.

Não podia faltar o agradecimento para o melhor orientador do mundo mundial, Luis Ferla. Obrigada não só pela orientação e compreensão no TCC e nos projetos, mas também por acreditar e ver qualidades em mim que até hoje eu tenho dificuldade para enxergar.

Por último, agradeço a minha entidade, Luanna Lucia. Obrigada por tornar essa jornada na Unifesp mais leve, por dividir todos os perrengues e risadas. Obrigada por embarcar comigo nessa aventura doida de fazer esse TCC em dupla, eu realmente não imagino isso dando certo com outra pessoa. Obrigada pela paciência com a minha falta de habilidade na cozinha. Obrigada por decorar a coreografia de Ddu-du-ddu-du comigo. É como diz Emicida, quem tem um amigo tem tudo.

Cintia Almeida

Me sinto extremamente sortuda ao olhar para o caminho que me trouxe até aqui e enxergar o suporte incondicional de tantas pessoas incríveis, isso desde o começo. Minha família foi minha primeira grande fonte de inspiração e apoio, aos meus pais Sônia e Souza todo agradecimento do mundo parece pouco, espero que isso contribua para o meu objetivo de ser motivo de orgulho para vocês como são para mim.

Wesley, acho que você não sabe, mas te considero o meu primeiro professor, tudo que sei parece ter tido início nas nossas brincadeiras, você me ensinou a ler e foi meu guia em muitas coisas nessa vida, ter você como irmão tem muito peso no que sou hoje, obrigada.

Não é à toa o meu interesse em estudar habitação, sempre pensei que muito do que sou é em razão dos lugares que vivi e com quem eu vivi. Por isso agradeço à Márcia, que mesmo depois da distância ainda vive comigo e me acolhe como família; Gabi e Dani, muito obrigada pelo teto compartilhado e principalmente pelas paredes riscadas de caneta roxa, pelos colos e alegrias de se viver juntas; Ao grande Quintal do Meio e às pessoas que passaram e ficaram nele: Lara, Bruna e Ester obrigada por todas as trocas; Vicka obrigada pelas tortas de maçã de madrugada, pelas trajetórias compartilhadas e pelo espaço de acolhimento, de inquietações, risadas e desenhos que temos; Gabriel, obrigada pelo companheirismo, por aguar minhas plantas e por tudo aquilo que nos liga e combina.

Os que habitam as bordas da cidade compartilham impasses e glórias. Obrigada Shirley e Robson pela companhia nos trajetos entre as bordas em busca dessa formação. Sem vocês, com certeza, eu teria perdido o último trem pro Grajaú.

À Bateria Malaguetta, família que me acolheu e me proporcionou um espaço de alegria quando a Universidade era cinza demais. Realmente, depois do Samba a vida nunca mais é a mesma.

Às grandes mulheres que pude encontrar na minha trajetória na Universidade, Sílvia, Dária e Fernanda, o carinho que tiveram comigo é muito precioso. Vocês são grandes inspirações na minha formação enquanto professora, espero um dia conseguir ser pelo menos um pouco como vocês.

À Mona que, mais do que companheira de trabalho e pesquisa, foi minha companheira nos caminhos cheios de pedras, sua amizade deixa minhas retinas menos fatigadas.

Ao professor Jeffrey Lesser pela confiança, apoio e por ser uma grande inspiração em pensar pesquisas de diferentes (e doidas) maneiras.

Tudo que aprendi durante esse curso está permeado do que vivi e construí com o grupo Hímaco. Somos o que eu poderia encontrar de melhor na graduação e falo “somos” com muito orgulho. Agradecer é pouco, todas e todos que compõem o Hímaco estão em todas as camadas e linhas deste trabalho.

Agradeço imensamente ao Ferla, como orientador, professor, guia nessa trilha pouco demarcada e também como amigo. Obrigada pela leitura atenta e apoio constante a este trabalho, por acompanhar minhas linhas de raciocínio confusas até o final e por ouvir minhas angústias que nem sempre estavam relacionadas com a minha trajetória acadêmica. Obrigada por acreditar em mim mais do que eu mesma acredito, é clichê, mas nada caberia melhor.

É muito difícil pra mim imaginar como seriam todos esses anos de graduação sem a Cintia. Juntas passamos por todos os momentos fatídicos, por risadas incontroláveis, tabelas várias e todas as sarnas que arrumamos na vida. E desde que formamos uma entidade eu percebi que se tudo não fosse mais fácil seria pelo menos muito mais divertido. Obrigada por topar todas as minhas propostas, experimentar todos os vegetais que eu cozinhei e por não me deixar desistir. Sem você nada disso seria possível, desde este trabalho até coisas mais importantes, como ganhar cinco estrelas no Just Dance. Ser uma entidade com você faz com que eu me sinta muito mais capaz de qualquer coisa.

Luanna Nascimento

RESUMO

Apesar da relutância por grande parte dos pesquisadores das Ciências Humanas, o mundo digital está cada vez mais presente na produção do conhecimento. As chamadas Humanidades Digitais é um movimento de reflexão sobre as possibilidades e desafios do uso de tecnologias nas pesquisas da área. A partir disso, esse estudo investigou mais especificamente, o uso de geotecnologias no estudo da história, considerando as possibilidades de trabalho colaborativo e ciência aberta das Humanidades Digitais.

Para tanto, foram realizados dois estudos de caso na Plataforma Computacional “Pauliceia 2.0”, que permite o mapeamento colaborativo da cidade de São Paulo no recorte de 1870 a 1940. Os estudos de casos possuem dados que podem ser espacializados, tendo como temáticas os territórios ocupados pelos homossexuais e a repercussão das políticas sanitárias na habitação operária.

Palavras-Chave: Humanidades Digitais; São Paulo; Geotecnologias; trabalho colaborativo; ciência aberta

ABSTRACT

Despite the begrudge of many Humanities researchers, the digital world grows more and more present in academic productions. The Digital Humanities is a reflexive movement regarding the possibilities and challenges of using technology in the research fields. Taking off from this point, this study specifically researched the use of geotechnologies to study History, considering the Humanities' specificities of collaborative work and open science.

As to achieve said goal, two case studies were done on the platform "Pauliceia 2.0", which allows the collaborative mapping of the city of São Paulo within the timeframe of 1897 to 1940. The case studies contain datas that can be spatialised, having as subject the areas occupied by homosexuals and the sanitation policies' consequences for the working class's housing.

Keywords: Digital Humanities; São Paulo; Geotechnology; Collaborative Working; Open Science

*Caminhante, são tuas pegadas
o caminho e nada mais;
caminhante, não há caminho,
se faz caminho ao andar.*

Antonio Machado

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. Algumas questões iniciais | 11 |
| 1.1 Humanidades Digitais e SIG Histórico | 13 |
| 1.2 Grupo Hímaco e a Plataforma Pauliceia 2.0 | 16 |
| | |
| 2. Estudos de caso | |
| 2.1 Estudo de caso A: Habitação Operária entre as transformações espaciais de São Paulo (1890-1920) | 22 |
| 2.1.1 Análise das camadas | 29 |
| | |
| 2.2. Estudo de caso B: Mapeamento dos espaços ocupados pelos homossexuais afeminados (1930-1960) | 35 |
| 2.2.1 Análise das camadas | 41 |
| | |
| 3. Algumas considerações finais | 49 |
| 3.1 Sujos, imorais e indesejados | 49 |
| 3.2 A plataforma Pauliceia 2.0 | 51 |
| 3.3. Nós, a graduação e as humanidades digitais | 54 |
| | |
| Referências Bibliográficas | 56 |
| Fontes Históricas | 59 |
| Anexo | 60 |

1. Algumas questões iniciais

Há muito tempo desistimos de tentar explicar a nossa pesquisa para os nossos colegas e professores. Não foram poucas as vezes, que nosso trabalho foi incompreendido ou desacreditado, geralmente os dois. Pensamos que essa incompreensão tem três principais origens: a forma que pesquisamos e apresentamos nosso trabalho e seu caráter coletivo; a interseccionalidade com a geografia; e o uso da tecnologia. Sintomaticamente, são essas as questões que norteiam as discussões que abordaremos aqui.

Achamos justo começar alertando que este texto não é o centro de gravidade do nosso trabalho. Os principais resultados dessa pesquisa são os testes e a criação de espacializações de fenômenos históricos em uma plataforma online de mapeamento colaborativo da história da cidade de São Paulo, criada no âmbito das Humanidades Digitais¹.

A ideia da plataforma computacional “Pauliceia 2.0”² nasce das discussões do grupo de pesquisa Hímaco³ e foi concretizada através da parceria entre a Universidade Federal de São Paulo, o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, o Arquivo Público do Estado de São Paulo e a Emory University, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo no programa eScience. A plataforma tem como objetivo um mapeamento colaborativo da cidade de São Paulo no período de 1870 a 1940, a princípio para uma área-piloto que compreende a zona central da cidade. Atualmente, em sua versão beta, a plataforma permite que seus usuários busquem endereços, façam uploads e sobreponham camadas de suas pesquisas.

Os dois estudos de caso com a Pauliceia 2.0, tem no espaço uma questão central. O primeiro versa sobre a habitação proletária e a territorialização da cidade que foi atravessada por discursos higienistas na virada do século XIX pro XX; já o

¹ Podemos definir aqui as Humanidades Digitais como um movimento que busca refletir sobre o uso de tecnologias nas pesquisas da área de Ciências Humanas, englobando debates sobre multidisciplinaridade, ciência aberta e trabalho colaborativo. É um tema basilar dessa pesquisa e será abordado muitas vezes, principalmente no item 1.2 Grupo Hímaco e a Plataforma Pauliceia 2.0

² Disponível em: www.pauliceia.dpi.inpe.br/

³ História, Mapas e Computadores - O grupo Hímaco reúne pesquisadoras e pesquisadores para pensar o uso de geotecnologias no estudo da história. Grupo do qual as autoras deste texto fazem parte. Mais sobre o Hímaco poderá ser visto adiante e também no sites: www2.unifesp.br/himaco/ e <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3777602011014869>

segundo aborda espaços ocupados pelos homossexuais afeminados em São Paulo entre 1930 e 1960.

Com a pandemia do coronavírus e a necessidade do isolamento, as visitas às instituições de guarda documental não foram possíveis, reduzindo as nossas possibilidades aos acervos digitalizados disponíveis na internet, fazendo com que os estudos de casos fossem remodelados, limitados às essas fontes.

Contudo, os estudos de casos, para além dos seus objetivos específicos, têm o objetivo comum de testar a plataforma em dois eixos: a) suas funcionalidades, amigabilidade e comportamento com os dados e; b) suas propostas, contribuição para o exercício de trabalho colaborativo, influências dos conteúdos de outros usuários na análise dos dois estudos de caso e se houve novas percepções a partir do cruzamento de dados.

Esses testes servem de subsídio para reflexão sobre as humanidades digitais na prática da produção historiográfica dessas pesquisas e também para realmente testar a plataforma e contribuir no seu amadurecimento científico.

Neste sentido, o uso da tecnologia em pesquisas históricas, e a Plataforma Pauliceia 2.0 têm papel duplo no escopo desta pesquisa, são tanto a metodologia quanto objeto de estudo. Metodologia na medida em que permite a organização e análise das fontes, mas também objeto, pois são testadas as suas funcionalidades e eficiência enquanto ferramenta para pesquisa em humanidades digitais. Testar a plataforma é o objetivo geral do trabalho, e este só é possível a partir dos objetivos específicos dos estudos de caso.

É muito comum que a cartografia ocupe um papel basicamente ilustrativo na pesquisa histórica, de forma complementar ao texto. Aqui, ao deslocarmos o foco, esse texto passou ao papel de acompanhante do conteúdo cartográfico produzido. Isso é possível devido ao novo regulamento do TCC do curso de História da Unifesp que permite atualmente trabalhos acadêmicos como “catálogos de exposições, ferramentas digitais, produções cartográficas, arquivos de áudio e vídeo, etc.”⁴

Na primeira parte apresentaremos o referencial teórico e reflexões sobre os temas que cercam as humanidades digitais — como as questões que colocamos no primeiro parágrafo. A segunda parte é composta pelas metodologias e análises dos

⁴ Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Disponível em: www.unifesp.br/campus/gua/images/Apoio_Pedagogico/Projetos_Pedagogicos/Mono_regulamento_posta_CCH_3.pdf. Acesso em: jan. de 2021

estudos de casos; a conclusão/terceira parte traz, à luz das reflexões realizadas, nossas experiências como sujeitos da academia, enquanto estudantes de graduação e experiências com o processo dessa pesquisa, que foge do formato tradicional, seja pela metodologia ou por seu caráter coletivo.

Reconhecemos, com isso, o risco de parecer pouco acadêmicas. Mas o assumimos por acreditarmos na pluralidade na construção do conhecimento, e que esse não deve estar restrito a paradigmas ou por caminhos já bem consolidados. Não os ignoramos e não pretendemos estabelecer hierarquias, muito pelo contrário. Pegamos uma trilha pouco usada, não por acreditar que essa possa, necessariamente, nos levar mais longe ou mais rápido, mas só pela vontade de ver as paisagens de outros ângulos.

1.1 Humanidades Digitais e SIG Histórico

A relação entre o historiador e a tecnologia é marcada pela desconfiança. A barreira existente é antiga, baseada por vezes na dificuldade de conciliar a natureza fragmentada e mutável das fontes históricas com a precisão das ferramentas e de aplicativos computacionais. A visão positivista da história, que apontava para a busca de uma “verdade” parece ressurgir, na visão de certos acadêmicos, no uso da tecnologia, cujos resultados só podem ser 0 ou 1.⁵

Na maioria das vezes, o computador é visto pelo historiador apenas como uma máquina de escrever com mais funções. Ele facilita a escrita e a organização/acesso às fontes, principalmente após a difusão da Web 2.0 que possibilitou o upload de acervos em plataformas digitais. A tecnologia computacional dificilmente é utilizada como parte essencial da metodologia aplicada aos processos de pesquisa. É por este motivo que muitos pesquisadores da área de História ou não conhecem ou relutam em conhecer e entender as chamadas Humanidades Digitais.

As Humanidades Digitais não possuem um consenso para sua definição. Susan Schreibman, Ray Siemens e John Unsworth em seu compêndio intitulado “A new companion to digital humanities” explicam que “Ainda é discutível se as humanidades digitais devem ser vistas como uma ‘disciplina por si só’, e não como

⁵ BODENHAMER, David J. **History and GIS: implications for the discipline**. In: Knowles, 2008, p. 222

um conjunto de métodos afins, mas não se pode duvidar, em 2015, que se trata de um campo de atuação vibrante e em rápido crescimento”⁶. Nós encaramos as Humanidades Digitais em seu caráter mais metodológico, mas também como um movimento de reflexão sobre as possibilidades e desafios do uso de tecnologias nas pesquisas da área. Dessa forma, o que tentamos fazer nesse estudo é utilizar a tecnologia como parte fundamental na coleta e análise dos dados e não apenas como uma forma de comunicar conclusões acerca da pesquisa. E o fazemos, principalmente, a partir do uso de geotecnologias – ou Sistemas de Informações Geográficas (SIG).

O SIG é, basicamente, um tipo de software que permite aliar informações espaciais a bancos de dados, e assim analisar fenômenos em seus espaços geográficos, aliando informações sobre espaço, tempo e outros atributos. De uma forma bastante simplificada, através de um software de SIG é possível criar e analisar mapas atrelados a bancos de dados de complexidades variadas. São amplamente utilizados em áreas que têm a superfície terrestre como objeto, como geografia e arquitetura, por exemplo.

Essa capacidade de tratar informações espaciais, associadas a atributos qualitativos e temporais, é o que pode fazer do SIG um grande aliado para os historiadores, principalmente para aqueles que possuem pesquisas em que o espaço físico é um ponto central. Ian Gregory e Paul Ell, em seu livro “Historical GIS”, apresentam o que entendem como os principais benefícios do uso do que chamam de SIG Histórico, sendo o primeiro “o de organização de fontes históricas, a capacidade de visualizar essas fontes e os resultados obtidos”⁷. Outra vantagem oferecida pelo SIG seria “a capacidade de visualizar dados, particularmente através do mapeamento. No SIG o mapa não é mais um produto final, e sim uma nova ferramenta de pesquisa”⁸. Para os autores, o grande desafio para o historiador seria “se apossar dessa tecnologia e usá-la de forma a fornecer novos insights sobre a geografia de uma questão de pesquisa”⁹. Em suma, “o SIG fornece um conjunto de

⁶ A new companion to digital humanities. Malden: Blackwell, 2016. SVENSON, P. Beyond the big tent. In: GOLD, M. (Ed.). Debates in the digital humanities. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2012. apud. FERLA, Luis; LIMA, SILVERIO, Luis Felipe; FEITLER, Bruno. **Novidades no front: experiências com humanidades digitais em um curso de história na periferia da grande São Paulo**. Estud. hist. (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 33, n. 69, p. 111-132, Apr. 2020

⁷ GREGORY, Ian; ELL, Paul. **Historical GIS: Technologies, Methodologies, and Scholarship**. Cambridge: Cambridge University, 2008, p.10. (tradução livre)

⁸ Ibid.

⁹ Ibid, p.11

ferramentas que permite ao historiador estruturar, integrar, manipular, analisar e exibir dados de forma nova ou facilitada”¹⁰.

Contudo, as desconfianças dos historiadores com a tecnologia não são infundadas ou descabidas. Como qualquer metodologia, a introdução de tecnologias digitais em qualquer estudo não pode ser feita de maneira acrítica. Manipular dados do passado, quase sempre imprecisos, em ambientes computacionais exigentes de precisão, requer muitos cuidados e estratégias de evidenciar nossas incertezas e aproximações.¹¹

Quando falamos de geotecnologias, soma-se a isso autoridade que, historicamente, é atribuída ao mapa, frequentemente visto como uma fonte de informação objetiva e imparcial.¹² Harley aponta a necessidade do mapa ser lido em seu contexto histórico-social. Para o autor, os mapas:

nunca são imagens isentas de juízo de valor e, salvo no sentido euclidiano mais estrito, eles não são por eles mesmos nem verdadeiros nem falsos. Pela seletividade de seu conteúdo e por seus símbolos e estilos de representação, os mapas são um meio de imaginar, articular e estruturar o mundo dos homens. Aceitando-se tais premissas, torna-se mais fácil compreender a que ponto eles se prestam às manipulações por parte dos poderosos na sociedade¹³

Expor as escolhas, omissões, subjetividades e — principalmente no caso dos historiadores— a inconsistência de dados e fontes, pode ser uma estratégia para afastar a objetividade da leitura cartográfica e é essencial para uma leitura crítica do conteúdo do mapa. Nesse sentido, a construção de metadados¹⁴, uma prática comum no uso de geotecnologias, é extremamente importante para o SIG Histórico, para a representação dos dados possa ser entendida com suas aproximações e metodologias de construção.

Os mapas têm discursos, não há como isentá-los, “exercem uma influência social, tanto por suas omissões quanto pelos elementos que elas representam e

¹⁰ Ibid, p.1

¹¹ VILLA, C. E. V. **Precisión y exactitud en los Sistemas de Información Geográfica (SIG) en las investigaciones históricas**. In: Carlos Eduardo Valencia Villa; Tiago Luís Gil. (Org.). O retorno dos Mapas. Sistemas de informação Geográfica em História. 1ed.Porto Alegre: Ladeira Livros, 2017, v. 1, p. 252-253

¹² HARLEY, Brian. **Deconstructing the map**. *Cartographica*. 26:2, 1989, p. 1-20.

¹³ HARLEY, Brian. **Mapas, saber e poder**, *Confins* [Online], 5 | 2009, p. 20. Disponível em: <http://journals.openedition.org/confins/5724>. Acesso: jan. de 2021.

¹⁴ Gregory e Ell definem os metadados como “dados que descrevem o conteúdo, qualidade, condição e outras características dos dados mantidos em um banco de dados”. GREGORY, Ian; ELL, Paul. **Historical GIS: Technologies, Methodologies, and Scholarship**. Cambridge: Cambridge University, 2008, p.30. (tradução livre)

valorizam.”¹⁵ Mas é justo que as bases desses discursos sejam apresentadas e que a construção de discursos seja democratizada, para que a pluralidade evidencie as subjetividades e possa preencher lacunas. Como por exemplo, os movimentos de mapeamento colaborativo, onde cidadãos são chamados para mapear elementos de seus territórios que não constam nos mapas oficiais.¹⁶

Os softwares livres e projetos de ciência aberta, como o próprio OpenStreet Map, são grandes aliados do mapeamento colaborativo, por facilitar o acesso a ferramentas de produção cartográfica e na defesa da livre circulação e produção do conhecimento. É a ideia da plataforma Pauliceia 2.0.

1.2 Grupo Hímaco e a Plataforma Pauliceia 2.0

Nossa relação com o universo das Humanidades Digitais se deu a partir da nossa entrada no Hímaco (História, Mapas e Computadores). Tendo sido criado em 2010 dentro do Departamento de História da Unifesp, o grupo tem como objetivo “estimular reflexões acerca do uso das tecnologias digitais no ofício do historiador, no escopo das chamadas humanidades digitais, participando ativamente da valorização do trabalho colaborativo e da livre circulação do conhecimento.”¹⁷

Desde a sua criação o Hímaco estuda as ferramentas de geotecnologia, tentando aplicá-las na pesquisa histórica. Luis Ferla, idealizador e coordenador do grupo, em seu artigo “O SIG do passado tem futuro?”, afirma que a maioria dos pesquisadores recorrem à tecnologia para conseguir responder questões já postas. O Hímaco, pelo contrário, estuda “as características da tecnologia e seus possíveis impactos metodológicos e mesmo epistemológicos antes mesmo de termos à mão um problema historiográfico.”¹⁸

O movimento contrário foi o que fez nascer o projeto piloto do grupo, o mapeamento das enchentes de 1887 e 1929. O objetivo era mapear as extensões das enchentes utilizando as ferramentas de SIG, (mais precisamente foi utilizado o *software* GvSIG) e assim capacitar o grupo no uso dessa tecnologia. A escolha do

¹⁵ HARLEY, Brian. **Mapas, saber e poder**, *Confins* [Online], 5 | 2009, p. 20. Disponível em: <http://journals.openedition.org/confins/5724>. Acesso: jan. de 2021.

¹⁶ Um bom exemplo é o OpenStreetMap, projeto de mapeamento colaborativo, baseado em tecnologias livres. Disponível em: www.openstreetmap.org/

¹⁷ Site oficial do grupo Hímaco. Disponível em: www2.unifesp.br/himaco. Acesso em: jan. de 2021

¹⁸ FERLA, Luis. **O SIG do passado tem futuro? A experiência do Hímaco como subsídio ao debate**. Educ. foco, Juiz de Fora, v. 24, n. 2, p. 636.

tema se deu porque alguns pesquisadores envolvidos tinham um vasto conhecimento sobre o tema, “dado que a tecnologia não substitui conhecimento, apenas possibilita, quando muito, uma melhor articulação dele”¹⁹.

Esse movimento, na verdade, também foi realizado na construção desse trabalho. Foi a partir da pertinência em se testar a plataforma, em suas funções e potencialidades que os temas dos estudos de caso foram definidos, mas baseados também na importância historiográfica e nas nossas subjetividades e interesses.

Já munido de certo conhecimento sobre os SIG's, o Hímaco criou e disponibilizou em seu site um tutorial de introdução ao uso do gvSIG voltado para os estudos históricos, contendo dois exercícios, um de vetorização e outro de georreferenciamento.²⁰ E em 2017, teve início o segundo projeto do grupo, o “Pauliceia 2.0: Mapeamento colaborativo da história de São Paulo (1960 - 1940)”. A plataforma permite, que o usuário geolocalize dados que possam ser espacializados, isto é, informações que possam ser atreladas a um endereço específico. Também é possível carregar planilhas no formato .csv, fazer upload e sobrepor camadas feitas em *softwares* de SIG, inserir e compartilhar dados, além de promover a interação entre a comunidade.

O projeto conta com uma equipe ampla e interdisciplinar. Além dos historiadores, também geógrafos e pesquisadores da área da computação. Participamos juntamente com outros estudantes do subgrupo “Bando de Endereços Históricos”, que tinha como responsabilidade produzir um banco de dados de endereços conhecidos da cidade de São Paulo, pois só assim o geolocalizador conseguiria encontrar os endereços pesquisados pelo usuário.

A característica mais promissora da plataforma, ao nosso ver, é a capacidade de compartilhamento de informações. Como todos os dados ficam no mesmo ambiente virtual, é possível estabelecer conexões entre os seus dados e os de outros usuários, permitindo assim, um compartilhamento do conhecimento sobre um período tão complexo da cidade de São Paulo. A explicação abaixo de Ian Gregory é relativa as potencialidades dos *softwares* de SIG, mas cabe perfeitamente para a Plataforma Pauliceia 2.0:

¹⁹ FERLA, Luis. **O SIG do passado tem futuro? A experiência do Hímaco como subsídio ao debate.** Educ. foco, Juiz de Fora, v. 24, n. 2, p.637

²⁰ Disponível em: http://www2.unifesp.br/himaco/pdf/Tutorial_Himaco_2_2_Preto.pdf. Acesso em: jan. de 2021

O verdadeiro poder das camadas não vem de sua capacidade de representar um único mapa; Ele vem da capacidade de integrar dados de fontes diferentes. Para um historiador, isso é potencialmente inestimável. Normalmente, a pesquisa histórica envolve a recolha de informações de várias fontes diferentes e a tentativa de reuni-las para obter uma melhor compreensão dos fenômenos em estudo. Como muitas informações têm uma referência espacial, SIG oferece o potencial para reunir informações de diferentes fontes de formas que anteriormente teria sido impossível ou, pelo menos, impraticável.²¹

A grande vantagem da Paulicéia 2.0, na teoria, é que essa reunião e organização de informações se integra a reunião e organização de dados de outros usuários, aumentando a divulgação e comunicação entre as pesquisas históricas. Ademais, softwares de SIG e sites como o Open Street Maps possuem ferramentas que permitem a geolocalização de endereços no tempo presente, o que não é viável quando estamos lidando com endereços das primeiras décadas do século XX em São Paulo, devido às constantes mudanças da numeração dos imóveis. Daí a necessidade, como já dito, de criar um banco de endereços históricos para que o geolocalizador pudesse funcionar corretamente.

Uma forte característica do projeto, e que encaramos como uma grande contribuição científica, é a sua inserção no movimento pela ciência aberta, que segundo Sarita Albagli

insere nesse quadro de tensão entre, por um lado, novas formas de produção colaborativa, interativa e compartilhada da informação, do conhecimento, da cultura. E, por outro, mecanismos de captura e privatização desse conhecimento que é coletiva e socialmente produzido.²²

Os dados das camadas estão disponíveis tanto para visualização quanto para download. Um usuário com conhecimentos mais profundos de SIG pode rapidamente baixar os arquivos e manipulá-los em um software. A Pauliceia 2.0 é de código aberto e esses dados estão disponíveis na plataforma de hospedagem GitHub. Isso significa que é possível replicar o código-fonte para criar plataformas semelhantes em outras localidades. Em suma, tanto o Hímaco quanto seus projetos utilizam a licença Creative Commons BY-SA, que baseada no copyleft dá o direito de compartilhamento e adaptação das informações, desde que o crédito da autoria seja

²¹ GREGORY, Ian; ELL, Paul. **Historical GIS: Technologies, Methodologies, and Scholarship**. Cambridge: Cambridge University, 2008, p.51.

²² ALBAGLI, Sarita. **Ciência aberta em questão** In: ALBAGLI, Sarita; MACIEL, Maria Lucia; ABDO, Alexandre Hannud (Org.). *Ciência aberta, questões abertas*. Brasília: Ibict; Rio de Janeiro: Unirio. 2015, p.13

atribuído e as mudanças que foram feitas estejam indicadas. Além disso, os dados só poderão ser redistribuídos sob aplicação da mesma licença.²³

No sentido de defesa da livre circulação do conhecimento, o copyleft é essencial para garantir “o antigo sonho da sociedade de democratização dos bens culturais”²⁴. O nome é um trocadilho com copyright, uma licença de uso que restringe a reprodução de conteúdos. O copyleft subverte esse conceito, garantindo ao usuário o direito de compartilhamento, cópia e mixagem de uma obra. Também dá autorização para que as modificações feitas por outros sejam publicadas, desde que a façam sob a mesma licença da obra original. Isso assegura que o conhecimento permaneça livre²⁵. É importante destacar que o copyleft não é contra a propriedade intelectual, só é contra a forma que a estrutura funciona atualmente, visando o lucro pessoal em preterimento do desenvolvimento do conhecimento comum.²⁶

A tabela a seguir foi retirada do artigo “O que é ciência aberta e colaborativa, e que papéis ela poderia desempenhar no desenvolvimento?” das pesquisadoras Leslie Chan, Angela Okune e Nanjira Sambuli, criada com base nos apontamentos Fecher e Friesike (2013) com o objetivo de elencar as diferentes atividades de ciência aberta, quais as ações que devem ser tomadas para cumprir os objetivos, quais os atores envolvidos e possíveis ferramentas e estratégias.²⁷ Uma linha foi adicionada na tabela para perceber como a Paulicéia 2.0 se encaixa nessas ações.

²³ Disponível em: <<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/br/>>. Acesso em: janeiro.2021

²⁴ TORRES, Aracele Lima. **A Tecnoutopia do Software Livre: uma história do projeto técnico e político do GNU**. 1. ed. São Paulo: Alameda/FAPESP, 2018, p.133

²⁵ Ibid, p.134-136

²⁶ Ibid, p.147

²⁷ CHAN, Leslie, OKUNE, Angela, SAMBULI, Nanjira. **O que é ciência aberta e colaborativa, e que papéis ela poderia desempenhar no desenvolvimento?**. In: ALBAGLI, Sarita; MACIEL, Maria Lucia; ABDO, Alexandre Hannud (Org.). *Ciência aberta, questões abertas*. Brasília: Ibict; Rio de Janeiro: Unirio. 2015. p.99

Tabela 1

| | Conhecimento como bem público | Pragmática | Infraestrutura eletrônica | Engajamento público | Sistema de valores |
|---------------------------|--|--|---|--|---|
| Pressupostos | O acesso ao conhecimento é altamente desigual ao público. | Colaboração aberta é mais eficiente para a criação de conhecimento e descobertas. | Infraestrutura e ferramentas da rede são essenciais à colaboração aberta | A ciência é um empreendimento público e deveria ser acessível | Existe a necessidade de se criar uma nova métrica e incentivos. |
| Ações | Tornar o conhecimento acadêmico livremente disponível para todos. | Abrir o processo de descoberta do conhecimento tão cedo quanto possível. | Criar plataformas, ferramentas e serviços abertos para cientistas. | Engajar cidadãos no desenho e condução da pesquisa. | Desenvolver medidas alternativas e um sistema de avaliação mais inclusivo. |
| Atores | Cientistas, elaboradores de políticas, financiadores, cidadãos. | Cientistas e desenvolvedores de ferramentas. | Cientistas, designers e provedores de plataformas. | Cidadãos, cientistas, organizações não-governamentais. | Cientistas, financiadores, legisladores |
| Ferramentas e estratégias | Acesso aberto, licença aberta, dados abertos, código aberto. | Dados abertos, código aberto, crowdsourcing, acesso aberto, licença aberta. | Definição de padrões e protocolos interoperáveis para troca de conhecimento. | Plataformas de mídias sociais (Facebook, Twitter, blogs, etc), crowdsourcing. | Altimetria, revisão por pares aberta, índices de abertura |
| Pauliceia 2.0 | A plataforma é aberta para todos e os dados estão disponíveis para visualização e download, assim como o código fonte pode ser replicado e modificado. | A aposta da plataforma é justamente no compartilhamento de informações. Ela traz ferramentas, que na teoria, possibilitam a criação de visualizações de dados espaciais. | A plataforma é realmente aberta para todos, no entanto falta uma maior explicação sobre a metodologia de criação do banco de dados e da tecnologia utilizada na estrutura da plataforma. Ademais, o design poderia ser mais amigável e intuitivo. | Apesar da divulgação nas redes sociais, até o momento houve pouco engajamento de indivíduos de fora da academia. | A plataforma viabiliza publicações que não são convencionais no ambiente acadêmico. Entretanto, não houve difusão suficiente para avaliar alguma contribuição significativa sobre o sistema de valorização. ²⁸ |

²⁸ Nosso Trabalho de Conclusão de Curso são justamente as camadas criadas na Pauliceia 2.0, isso pode ser entendido como uma forma de destoar dos sistemas de avaliação convencionais.

O projeto Pauliceia 2.0 consegue se encaixar em todas as atividades examinadas pelas pesquisadoras, o que evidencia o grande potencial do projeto. No entanto, em 'infraestrutura eletrônica', 'engajamento do público' e 'sistemas de valores' ainda é preciso que a plataforma passe por um aprimoramento para que possa realizar satisfatoriamente essas ações. Esse assunto será melhor apurado no decorrer do trabalho.

A seguir serão apresentados os estudos de caso, nas quais algumas visualizações foram incorporadas para auxiliar os debates levantados. Mas recomendamos que as camadas também sejam consultadas na plataforma, onde podem ser exploradas de uma forma muito mais dinâmica em relação ao cruzamento de camadas, escala de análise e com acesso aos bancos de dados.

Para auxiliar nesse processo um tutorial preparado especialmente para esse trabalho pode ser consultado no anexo 1, além do próprio tutorial presente na plataforma.

2.1 Estudo de caso A: Habitação Operária entre as transformações espaciais de São Paulo (1890-1920)

A virada do século XIX para o século XX é um reconhecido palco de transformações na organização do processo produtivo e das cidades. A necessidade de criação de uma força de trabalho livre assalariada encontrou na alta taxa de imigração uma forma de controlar os trabalhadores imigrantes e marginalizar os trabalhadores nacionais e negros recém libertos, culminando na alta expansão demográfica e enfrentando como consequência as aglomerações urbanas e problemas sociais e de infraestrutura da cidade, como a habitação.²⁹

São Paulo apresenta crescimento populacional epidêmico em seu processo de urbanização, passa de quase 65 mil habitantes em 1890, chegando perto de 240 mil em 1900 e dobrando para cerca de 579 mil habitantes nos 20 anos seguintes.³⁰ Os trabalhadores pobres se aglomeravam em cortiços³¹, que em 1904 contabilizavam um terço das habitações da cidade.³²

O compartilhamento de espaços residenciais de baixa infraestrutura por diversas pessoas formava o ecossistema ideal para a proliferação de doenças, o que colocava as habitações coletivas no alvo do caráter médico presente no poder público. Nesse sentido, ao abordar a questão da moradia de trabalhadores nesse período a saúde pública no seu teor sanitarista se torna um tema incontornável. Mas, mesmo ostentando as concepções científicas da época sobre salubridade, os discursos — dos estudos, da grande imprensa e das discussões da Câmara — são carregados de moralidade e juízo de valor sobre a forma de vida das pessoas encortiçadas.

Essas políticas atuavam no sentido de garantir plenas condições de saúde pública, aplicando as alterações que fossem necessárias aos sistemas urbanos, seja de saneamento, esgoto ou qualquer outro tipo de medida que pretendesse dissolver os focos de infecção. Nesse sentido, a pobreza é imediatamente relacionada à origem das epidemias:

²⁹ RIBEIRO, Maria A. R. **História sem fim... Inventário da saúde pública. São Paulo - 1880-1930.** São Paulo: Editora Unesp. 1993. p. 17 e 19

³⁰ BLAY, Eva Alterman. **Eu não tenho onde morar, vilas operárias na cidade de São Paulo.** São Paulo: Nobel, 1985. p. 57

³¹ Cortiços são frequentemente definidos pela documentação do período e pela bibliografia como habitações coletivas, multifamiliares, com infraestrutura precária.

³² RIBEIRO, Maria A. R. **História sem fim... Inventário da saúde pública.** São Paulo - 1880-1930. São Paulo: Editora Unesp. 1993. p. 135

Os cortiços representam, portanto, uma ameaça à noção de civilidade; as greves, uma ameaça à ordem burguesa de cidade limpa, disciplinada e livre das imundícies e de manifestações turbulentas dos operários; a rua será objeto da disciplina devido à ameaça à própria ordem que mantém desigualdades. As doenças que se espalhavam pela urbe, do ponto de vista ideológico, teriam como foco de proliferação justamente as áreas pobres.³³

O discurso sanitarista é usado como ferramenta na tentativa de controle e de transformação do espaço urbano. A historiografia nos mostra que essa relação baseava-se na fiscalização, policiamento e investidas legislativas para a segregação social, ancoradas em argumentos a respeito da salubridade dos espaços. Mas nos mostra também, que por mais que as medidas do Estado sejam postas de forma vertical, os processos são compostos por diversos interesses, muitas vezes conflituosos. Há a agência dos proprietários de terras e imóveis; do empresariado; do poder público — sendo a diferenciação entre esses muito frágil; dos trabalhadores, em suas pluralidades e divergências; e também do próprio espaço geográfico.

Telma de Barros Correia reforça essa questão quando aponta que a ideia de reforma da habitação proletária regida pelas normas de higiene e disciplina presente século XIX está associada a uma tentativa de estabelecer uma classe de trabalhadores que, para os homens letrados, fosse moral e saudável:

A generalização da ideia do meio como formador dos indivíduos é correlata à expansão de dois processos simultâneos - o disciplinamento e a medicalização- que aparecem associados nos discursos e práticas sobre a cidade do século XIX. Tais processos integram- se em um projeto de sociedade e de controle sobre a cidade e seus habitantes, no qual o espaço aparece como elemento central da intervenção.³⁴

A princípio esse estudo olharia pra questão espacial desses processos de disciplinamento e medicalização através da fiscalização, usando o fundo da Intendência Municipal sobre Polícia e Higiene, impostos, desapropriações de imóveis, intimações e multas, presentes no acervo do Arquivo Histórico Municipal, para perceber possíveis diferenciações espaciais nessas medidas de controle. Mas com as restrições impostas pela pandemia do coronavírus, como citado, o estudo foi sendo moldado pela disposição das fontes online.

³³ OLIVEIRA, Afonso Soares de. **São Paulo e a Ideologia Higienista entre os séculos XIX e XX: A utopia da civilidade**. Sociologias, Porto Alegre, ano 15, no 32, jan./abr. 2013, p. 214.

³⁴ CORREIA, Telma de Barros. **A construção do habitat moderno no Brasil (1870-1950)**. São Carlos: RiMa, 2004. p.25

Dessa forma, a procura foi realizada com mais ênfase na legislação, nos mapas e nos jornais disponíveis na Hemeroteca Digital, além do Relatório da Comissão de exame e Inspeção dos cortiços de Santa Ifigênia, buscando formas de auxiliar a compreensão da dinâmica espacial dos trabalhadores pobres e, através do compartilhamento dos dados na Plataforma Pauliceia 2.0, explorar a possibilidade de interação com outras pesquisas e assim analisar o impacto das políticas públicas sanitárias na divisão do solo desse palco de disputas que é a região central da cidade.

O foco no centro da cidade é estabelecido levando em consideração os atuais limites da plataforma testada, sobretudo a abrangência espacial do geolocalizador de endereços históricos que se restringe a uma área piloto que, como citado anteriormente, abrange aproximadamente a região central da cidade.³⁵ Mas principalmente por ser a área em que a legalidade urbanística era mais presente.³⁶

Rolnik aponta que essa legislação colabora para o esboço de uma geografia social calcada nas hierarquias sociais ao definir diferentes padrões de construção para determinadas áreas — ou a ausência de padrões em outras. Assim, "ao mesmo tempo que vai alinhando os territórios da riqueza, vai também delimitando aqueles onde deverá se instalar a pobreza", a esses destina-se a lonjura.³⁷

Dentro das fontes utilizadas, isso fica marcado na Lei n.498, de 14 de dezembro de 1900, que estabeleceu prescrições para construção e existência de imóveis destinados à habitação coletiva. O documento prevê que esses imóveis devam existir fora do perímetro urbano, descrito no artigo 8 da lei. O documento subsidiou uma das camadas construídas para esse estudo de caso.

O relatório da *Comissão de Exame e Inspeção das Habitações Operárias e Cortiços no distrito de Santa Ifigênia*, publicado em 1893, também apresenta essa ideia. A forma é menos taxativa, já que não se trata de um decreto, mas as prescrições deixam claro que a “solução” vista para a questão operária era tirá-la da cidade.

A Comissão foi composta com o objetivo de fazer um levantamento sobre as estalagens e cortiços da região de Sta. Ifigênia, vista como um foco epidemia de

³⁵ É importante ressaltar que a área de abrangência do geolocalizador da plataforma está em constante aprimoramento e ampliação.

³⁶ ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo**. São Paulo: Studio Nobel / Fapesp, 1997.

³⁷ _____. **Para além da lei: legislação urbanística e cidadania (São Paulo 1886-1936)**. In: Maria Adélia A Souza; Sonia C. Lins; Maria do Pilar C. Santos; Murilo da Costa Santos. (Org.). *Metrópole e Globalização-Conhecendo a cidade de São Paulo*. São Paulo: Editora CEDESP, 1999.

febre amarela. Isso se explicaria por sua alta densidade demográfica; pela topografia desfavorável ao saneamento, descrita como uma bacia palustre; e principalmente pela forma insalubre em que as pessoas viviam.

Durante o estudo da comissão foram identificados 65 cortiços e casinhas construídas na região. O que gerou fichas de análise e prescrições sobre cada uma delas, além de um relatório que tratou de apresentar a questão que motivou o estudo; descrições sobre a área e as habitações inspecionadas de uma maneira mais geral e medidas a serem tomadas, que foram desde determinações sobre o asseio das construções até a medida que acreditava-se resolver a questão: a construção de vilas operárias higiênicas.

Esse relatório é um documento que subsidiou debates, discursos e medidas acerca da existência de cortiços e da insalubridade no centro da cidade. Não é à toa que se torna elemento de análise em grande parte dos estudos que se debruçam sobre a habitação popular no período. Aqui ele foi o ponto de partida no exercício de pensar a espacialidade dos ideais sanitaristas e ações para uma “cidade limpa”.

A possibilidade de espacialização dos dados do relatório mais evidente é a distribuição das habitações pela área analisada, que somada às localidades que são sugeridas para a construção de Vilas Operárias já pode ser uma ferramenta de compreensão de como os sanitaristas pensavam a ocupação da cidade: com os pobres longe, mas com acesso para servir de força de trabalho. O que não é uma surpresa, o próprio relatório reconhece isso, e assim sugere a construção das vilas em terrenos próximos às linhas do trem ou áreas servidas por bondes.³⁸ Em suma, a comissão busca encontrar soluções para o aglomerado de pobres, doentes e imorais naquela região insalubre, proporcionando moradia em padrões higiênicos e morais, mas que fosse barata e lucrativa para os empresários que investissem na empreitada.

Não coube no escopo deste estudo de caso verificar a efetiva instalação de vilas operárias nas regiões propostas. Mas como apontado por Eva Blay, “a história nos mostrou que nestes terrenos todos foram construídas vilas operárias um pouco mais tarde”.³⁹ Isso não significa o êxito do projeto de distanciar os pobres apresentado no relatório. Os cortiços não deixam de existir.

³⁸ *Relatório da Comissão de exame de inspecção das habitações operárias e cortiços no districto de Sta Ifigênia*. in: CORDEIRO, Simone Lucena (Org.). **Os cortiços de Santa Ifigênia: sanitarismo urbanização (1893)**. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo: Imprensa Oficial, 2010. p. 112

³⁹ BLAY, Eva Alterman. **Eu não tenho onde morar, vilas operárias na cidade de São Paulo**. São Paulo: Nobel, 1985 p.75

Não significa, também, a solução dos problemas que os trabalhadores enfrentavam relativos à habitação, isso porque a tentativa de criar um sistema de habitação longe da aglomeração urbana, com vilas operárias próximas às indústrias e isoladas do convívio social da cidade, não contempla todos os trabalhadores e funciona como uma restrição ao direito à cidade. Kuvásney nos lembra que “além dos operários, a população pobre encortçada de São Paulo compreendia vendedores ambulantes, lavadeiras e carroceiros que não tinham rendimentos fixos e dependiam de sua proximidade com o centro da cidade para a garantia de seu sustento.”⁴⁰

Outra face do problema é apontada por Marisa Carpintéro relacionada à incapacidade das vilas operárias em sanar o problema da falta de moradia e ainda criar desigualdades entre os trabalhadores que habitam ou não as vilas, além -e por causa- da incorporação de valores patronais por aqueles que usufruem da habitação na vila. Ou seja, há sujeitos que apoiam a ideia e enxergam na vila operária a oportunidade de viver com mais conforto e outros que vão se sentir oprimidos pelas normas impostas pelas empresas.⁴¹

Como apresentado na tabela a seguir, outras fontes foram utilizadas para a construção de camadas que pudessem auxiliar na compreensão da questão habitacional das trabalhadoras e trabalhadores da cidade. Essas serão abordadas nas análises espaciais propostas no próximo item.

Apesar dos problemas de saúde pública relacionados à salubridade da cidade e as questões habitacionais persistirem — muitos até hoje, a década de 1920 é marcada pela transformação do discurso sanitarista, antes baseado na fiscalização e punição, passando a adquirir um teor mais educativo, com a emergência da atuação das *educadoras sanitárias*, proporcionada pela Reforma Paula Souza de 1925. Ademais, como apontado por Carpintéro, nos anos 20 se constata um interesse por parte dos engenheiros em “viabilizar um ‘projeto político’ de urbanização e controle do crescimento da cidade industrial” afim de resolver o problema da habitação em contraposição ao caráter de interesse rentista que a questão habitacional possuía.⁴² A delimitação do recorte até a década de 1920 é também em função dessas transformações.

⁴⁰KUVASNEY, Eliane. **A representação da cidade de São Paulo nos albores do século XX: os mapas como operadores na construção da cidade espraiada**. 2017. Tese de doutorado. FFLCH-USP, São Paulo, 2017. p. p. 45

⁴¹CARPINTÉRO, Marisa. **A construção de um sonho: os engenheiros-arquitetos e a formulação política habitacional no Brasil (São Paulo -1917/1940)**. Campinas:Editora Unicamp, 1997. p.68

⁴² *ibid.* p.72

Quadro 1 - Camadas elaboradas para o estudo de caso A.

| Título da camada | Descrição | Fontes | Metodologia | Autoria |
|---|---|---|--|-------------------|
| Cortiços de Sta Ifigenia – Inspeção 1893 | Espacialização das fichas de inspeção da no districto de Sta. Ephigênia, traz as informações presentes nas fichas de inspeção de cada habitação coletiva visitada. Traz o endereço do imóvel e os dados presentes nas fichas, como dimensões, proprietário, número de habitantes, além as observações e prescrições da inspeção. | Relatório Comissão de Exame e Inspeção das habitações operárias (1893) | Construída através do software QGIS, utilizando a metodologia de georreferenciamento da planta cadastral do bairro de Santa Ifigênia presente no relatório e vetorização de 65 pontos representando as habitações, contendo os dados das fichas de inspeção. A planta cadastral apresenta a numeração de todos os imóveis da área, permitindo assim localizar espacialmente cada um dos endereços apresentados nas fichas. | Luanna Nascimento |
| Cortiços de Santa Ifigenia – Plano de remoção 1893 | Aproximações das regiões indicadas pela comissão para a construção das vilas. Apresenta as indicações presentes no relatório e um campo de observações onde descrevo as aproximações assumidas. | | Camada de pontos, criada com o QGIS, indicando as regiões aproximadas das áreas sugeridas pela comissão para a construção das vilas. A descrição das áreas sugeridas não é objetiva por isso são apenas aproximações, tendo como base a Toponímia do mapa de 1905 da base cartográfica da plataforma, já que essas áreas não estão mapeadas na carta de 1890. | |
| Perímetro Urbano em 1900 | A Lei n.498, de 14 de dezembro de 1900, estabeleceu prescrições para construção e existência de imóveis destinados a dita habitação operária coletiva, como os cortiços. O documento prevê que esses imóveis devam existir fora do perímetro urbano, descrito no artigo 8 dessa mesma lei. O texto do artigo que cita as ruas que formam o perímetro compõe o banco de dados dessa camada. | 1) LEI n.498, de 14 de dezembro de 1900. São Paulo 2) Planta Geral da Cidade de São Paulo: adaptada pela Prefeitura Municipal para uso de suas repartições. Comissão Geographica e Geológica. (1905) | A camada é composta por um polígono da área descrita na lei e foi construída através do QGIS, tendo como base o mapa de 1905 presente na plataforma. | |

| Título da camada | Descrição | Fontes | Metodologia | Autoria |
|---|---|---|--|---|
| Cortiços na imprensa na década de 1910 | Ocorrências em jornais indicando a localização de cortiços. O banco de dados traz o endereço mencionado, o ano, um resumo das informações que foram publicadas, uma categorização simples de minha autoria, o nome do jornal e edição, além do link de consulta. | Jornais <i>O Correio Paulistano</i> , <i>A Gazeta</i> e <i>O Combate</i> . (1910-1919) | A consulta às fontes foi feita através da plataforma Hemeroteca Digital. Para filtrar informações de cortiços que pudessem ser localizados espacialmente a busca foi feita com o termo "cortico rua"; assim, foram encontradas informações nos jornais <i>O Correio Paulistano</i> , <i>A Gazeta</i> e <i>O Combate</i> , o que gerou um banco de dados com 97 endereços, dos quais 64 localizações foram geradas a partir do geolocalizador da plataforma, através de uma planilha csv. | Luanna Nascimento |
| Fábricas em 1914 | Tem como base a Planta Geral da Cidade de São Paulo de 1914 que entre diversas informações apresenta a localização de fábricas na cidade, separadas por tipo. | Planta Geral da Cidade de São Paulo com indicações diversas. Comissão Geographica e Geológica. (1914) | A planta foi georreferenciada a partir da Planta da Cidade de 1924 que compõe a base cartográfica da plataforma. Foram localizadas 264 fábricas, distribuídas em 20 tipos. O processo de georreferenciamento e a criação dos pontos da camada foram realizados através do software QGIS. | |
| Cortiços Contemporâneos | Compõe o grupo de dados do HabitaSampa Mapa, uma ferramenta para realizar consulta às informações cartográficas e alfanuméricas criadas e geridas pela Secretaria da Habitação de São Paulo (SEHAB). Os dados são referentes ao período entre 2006 e 2017 A camada foi dividida em 4 partes baseadas na classificação realizada na primeira vistoria dos imóveis (pequeno, medio e grande porte, invasão e Interditável) | HabitaSampa Mapa (Disponível em https://mapa.habitasampa.inf.br/) | Os dados sobre os cortiços fazem parte de um levantamento realizado pela SEHAB em parceria com as subprefeituras da Sé e Mooca. A plataforma HabitaSampa permite ao usuário o download dos dados, o arquivo foi baixado em formato .shp e usando o QGIS fiz o ajuste de projeção para a plataforma Pauliceia 2.0. Devido ao limite de campos suportados pela Pauliceia 2.0, removi os campos "zoneamento lei 16.402" e "zoneamento lei 16.402%", por se mostrarem menos relevantes ao contexto. | SEHAB/ Luanna Nascimento ⁴³ |

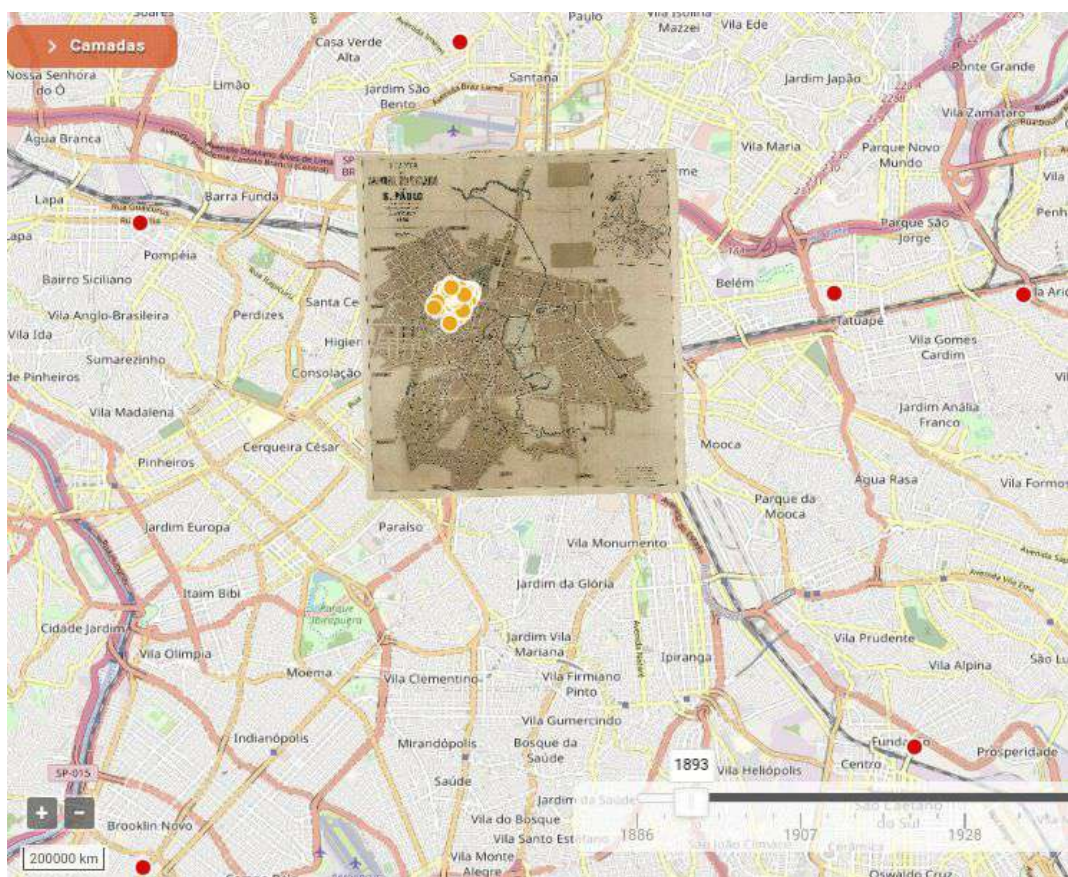
⁴³ Nesse caso, a autoria dos dados e sua espacialização é da Secretaria de Habitação, mas a camada inserida na plataforma é de nossa autoria.

2.1.2 Análise das camadas

Salubridade e existir na cidade

Tendo o relatório de inspeção como ponto de partida, como dito, é perceptível que sob a ótica da comissão os pobres não cabem na cidade. O documento, produzido por um órgão público sob uma égide governamental fortemente ligada aos interesses higienistas de um segmento social paulistano identificado como parte de uma elite econômica, transmite, portanto, aquilo que pretende a própria República.

Figura 1: Cortiços Santa Ifigênia - 1893: Inspeção x plano de remoção



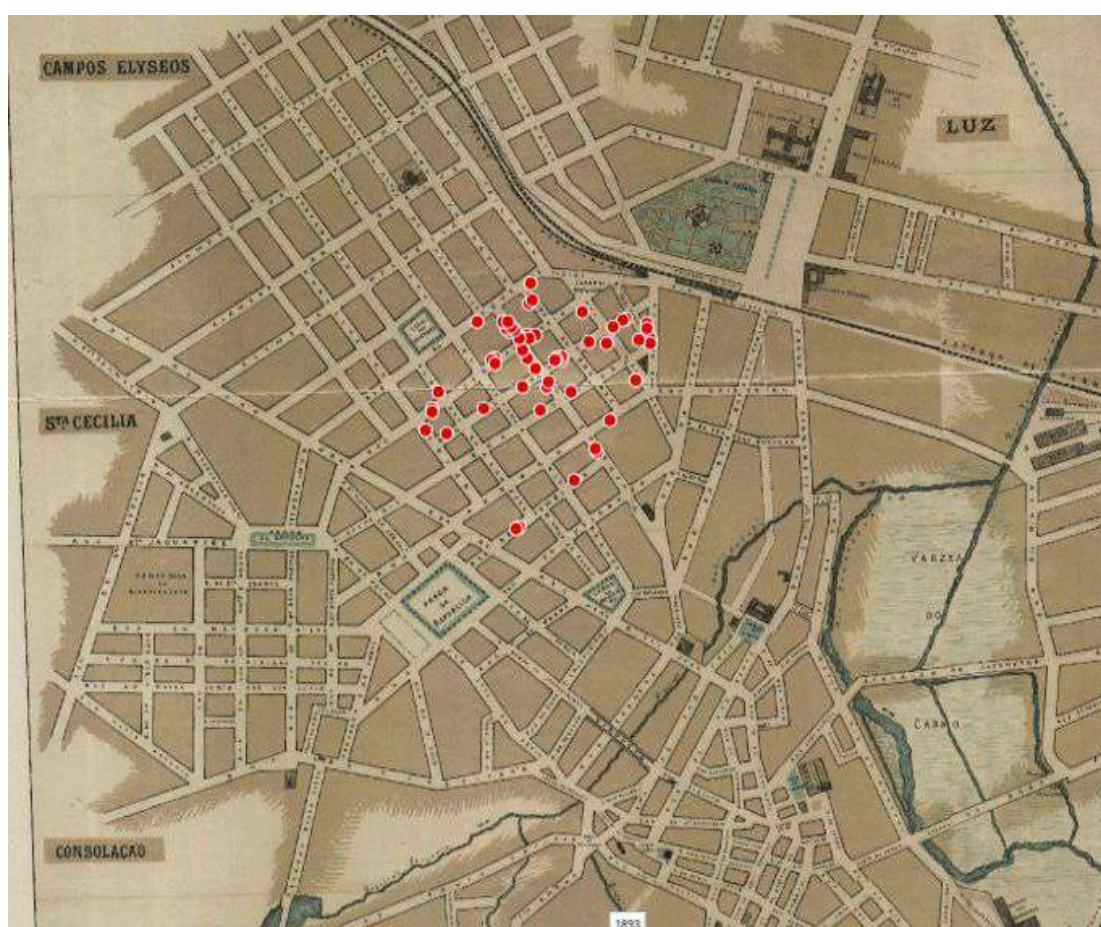
● Regiões propostas para construção de Vilas Operárias ● Cortiços de Santa Ifigênia

O mapa histórico usado de base na figura 1, que mal pode ser lido numa escala que alcance as áreas sugeridas para a construção das vilas operárias é intitulado como a *Planta da Capital do Estado de São Paulo em 1890*. É interessante pensar que essa planta foi a primeira elaborada depois da proclamação da República, e mesmo com a intenção de mostrar o crescimento da cidade, já que também traz uma miniatura da planta de 1810, não representa áreas que já estavam

em crescimento, como o Braz.⁴⁴ Como o mapa traz informações de prédios importantes e de linhas de bonde podemos pensar que foi um mapa feito para ajudar os turistas na circulação da cidade. Mas no meio disso estavam os cortiços indesejados e, naquela época, longe de serem atrativos turísticos.

A preocupação com uma vida salubre para o trabalhador pode ser como o argumento para inspeção em Santa Ifigênia pode ser colocada em cheque. Bonduki chama atenção para localização particular do bairro de Santa Ifigênia, entre o rico bairro Campos Elíseos e o centro da cidade, como podemos ver na figura 2, o que teria contribuído para colocar a região no radar do poder público.⁴⁵

Figura 2: Cortiços de Santa Ifigênia -1893 sobre carta de 1890



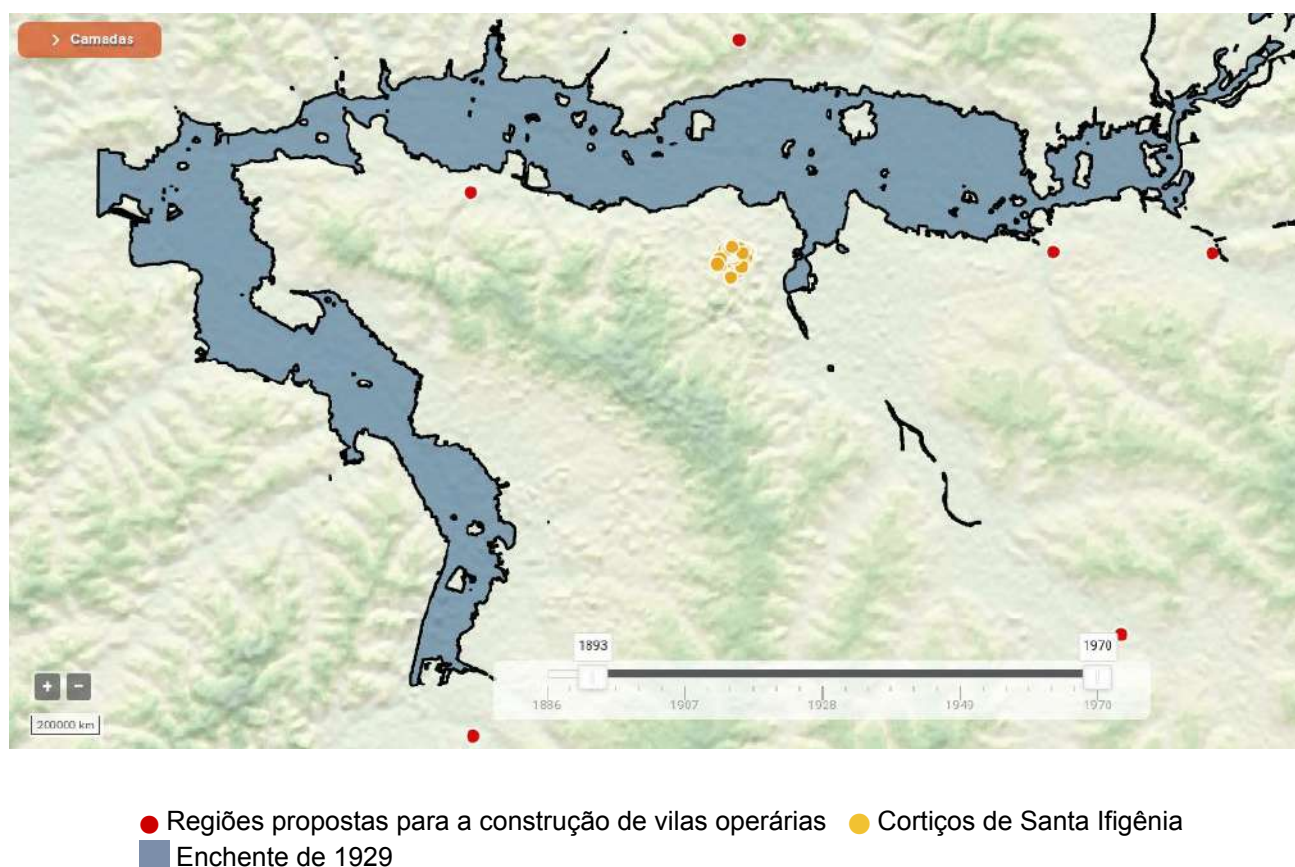
● Cortiços de Santa Ifigênia - 1893

⁴⁴ KUVASNEY, Eliane. **A representação da cidade de São Paulo nos albores do século XX: os mapas como operadores na construção da cidade espraiada.** 2017. Tese de doutorado. FFLCH-USP, São Paulo, 2017. p. 335

⁴⁵ BONDUKI, Nabil. **Origens da habitação social no Brasil: o caso de São Paulo. 1930-1954.** Tese de doutorado. FAU-USP, São Paulo, 1994.. p

Analisando a região posta sob o modelo de elevação da cidade⁴⁶, podemos perceber que essa estava realmente numa área mais baixa, passível de alagamentos, como argumentado no relatório, mas isso não era diferente das áreas propostas para a construção das vilas operárias. Somando ao nosso exercício de visualização a camada sobre a enchente de 1929, elaborada pelo grupo Hímaco, podemos ver que as regiões propostas para a construção das vilas operárias estão bem próximas às áreas afetadas pela enchente.⁴⁷

Figura 3: Cortiços de Santa Ifigênia - 1893: Inspeção x Plano de Remoção x Enchente de 1929



Muros legislativos e geomorfológicos

Apesar de o relatório apenas sugerir que os trabalhadores se afastassem da cidade, não faltou apoio do aparato legal para as diferenças sociais marcadas na paisagem - até hoje. Desde 1886, reforçada em 1894 pelo Código Sanitário, a

⁴⁶ Material cartográfico que representa características geomorfológicas da cidade e facilita a compreensão da área em seus níveis de altitude. As tonalidades mais escuras representam áreas mais altas. O modelo digital de elevação também faz parte da base cartográfica da plataforma.

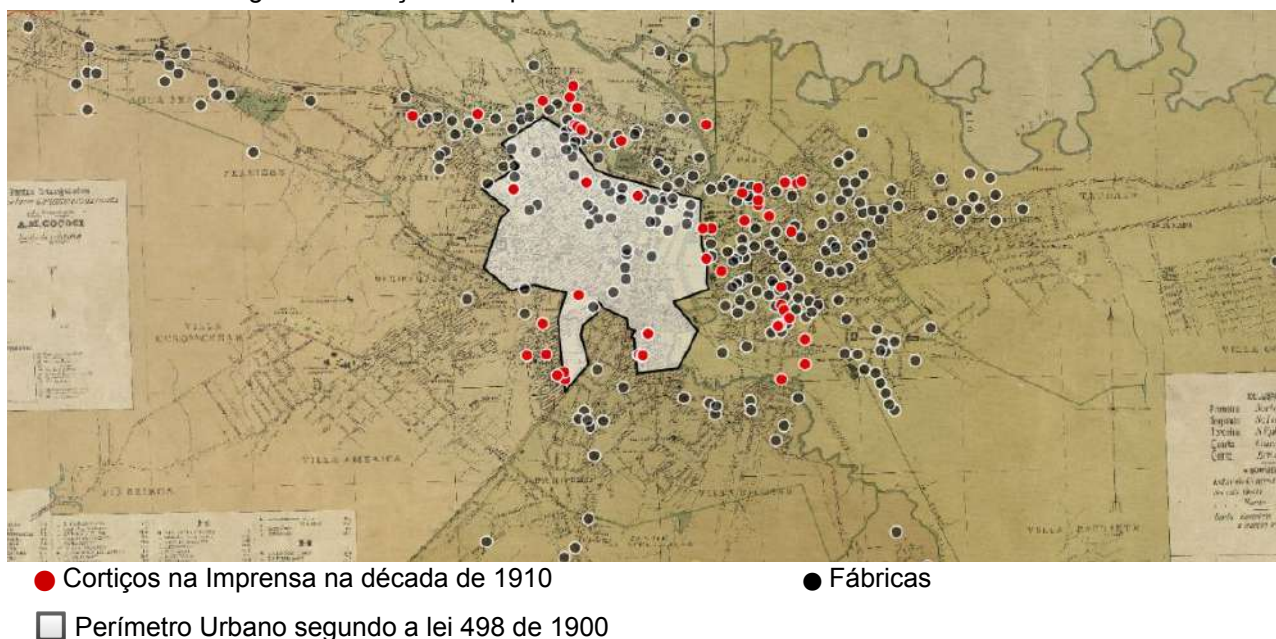
⁴⁷ Apesar da distância temporal entre os fenômenos analisados, acredito ser um exercício de análise válido. Corroborado que mesmo hoje as áreas continuam alagáveis, como mostrado na camada *A enchente de 2020 em SP*, também presente na plataforma.

legislação procurava medidas para manter os cortiços fora da aglomeração urbana, definindo padrões mais exigentes para a construção na área central. Em 1900, com a lei 498, concedem-se isenções para a construção de casas higiênicas fora do delimitado perímetro urbano. Para Rolnik essas medidas construíram uma “(...) linha imaginária que definiu os muros da cidade: para dentro o comércio, as fábricas não incômodas e a moradia da elite; para fora, a habitação popular e tudo que cheira mal, polui e contamina.”⁴⁸

Pensando em perceber o efeito da lei 498, busquei localizar cortiços no centro da cidade e, dentro dos limites da pesquisa, os encontrei em notícias de jornais que em sua maioria relatavam conflitos variados entre moradores dos cortiços, as chamadas “scenas de cortiço”.

É importante ressaltar que não é intenção definir uma distribuição absoluta dos cortiços pela cidade, as fontes usadas são fragmentadas e os dados estavam, como dito, limitados à área piloto do geolocalizador da plataforma. A intenção nessa espacialização é perceber em algum grau a presença dessas habitações na cidade. A camada das *fábricas em 1914* também foi criada na intenção de perceber alguma relação entre a sua ocupação da cidade, os cortiços e a legislação abordada.

Figura 4: Cortiços na imprensa x Fábricas - 1914 x Perímetro Urbano



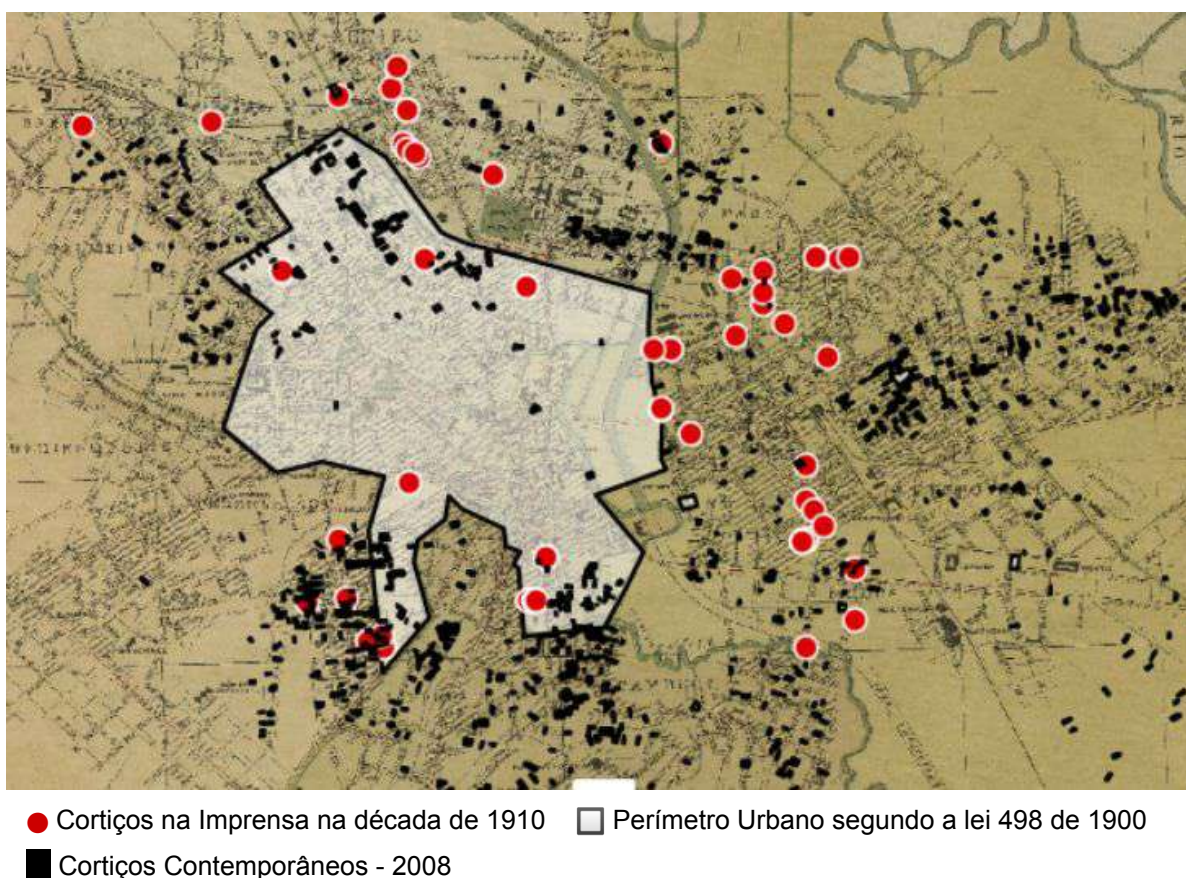
Na figura 4 vemos que, dentre os cortiços localizados, a maior parte está fora das linhas traçadas pela lei, os que estão dentro estão bem próximos às fronteiras.

⁴⁸ ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo**. São Paulo: Studio Nobel / Fapesp, 1997. p

As fábricas seguem a mesma lógica, algumas estão no perímetro urbano, mas a grande maioria circundam os “muros”, dos seus lados internos e externos.

Quando acrescentamos dados sobre cortiços identificados nas duas últimas décadas - figura 5 - percebemos uma certa correspondência espacial com os cortiços do início do século XX, o que pode indicar a ocupação dessas áreas ao longo do tempo, o que por sua vez corrobora com a ocupação não só das margens da cidade mas também das margens do que se era permitido habitar sem prejuízos financeiros e uma menor repressão. Não há dados suficientes para isso ser uma conclusão, mas pode ser enxergado como um novo ponto de partida para novas pesquisas.

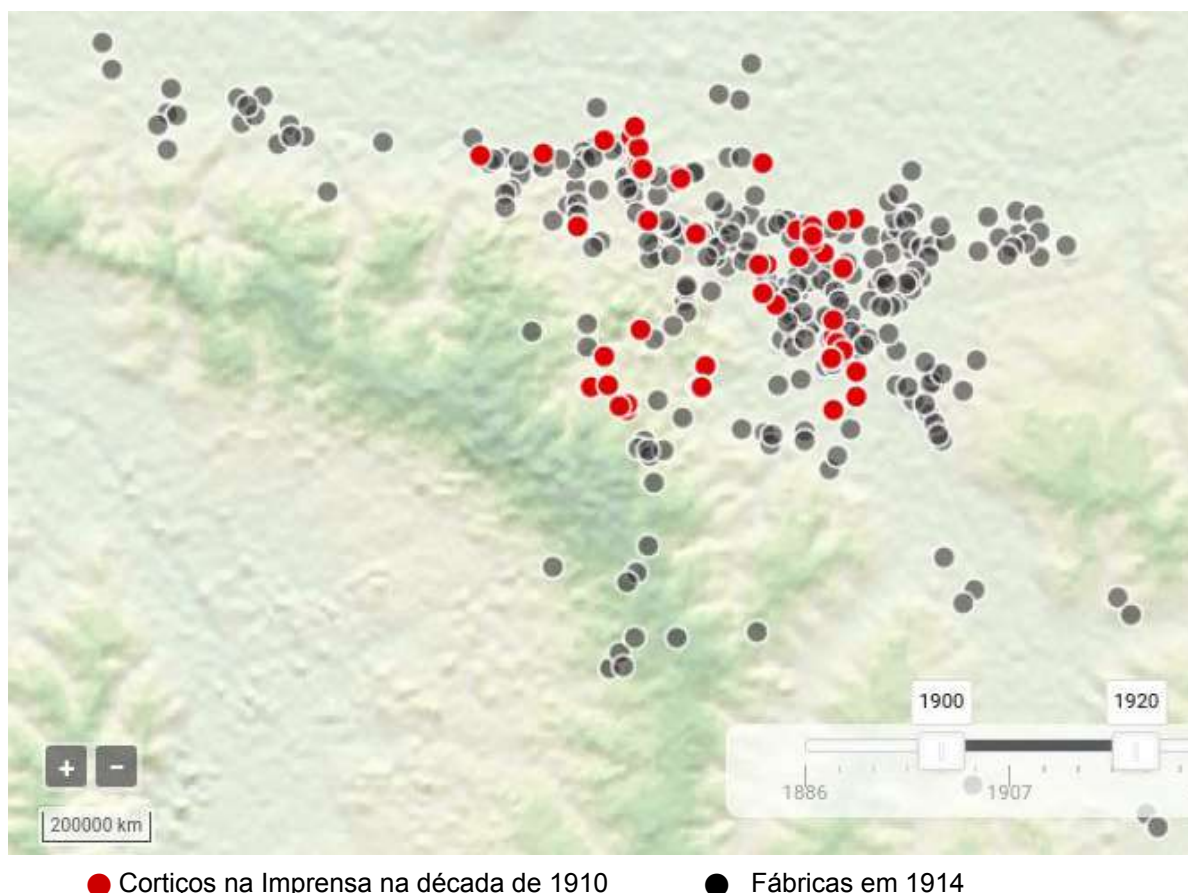
Figura 5: Cortiços na imprensa x Perímetro Urbano X Cortiços Contemporâneos



Além do mais, as divisões socioespaciais não estavam restritas às linhas traçadas pela legislação. Estavam impressas também no espaço geográfico “natural”. Eva Blay, em conclusão a uma análise da diferenciação social e ocupação da cidade, argumenta que a formação de bairros está associada a uma hierarquia social, bairros de pobres e bairros da alta burguesia, estes ocupando as partes altas e enxergadas como salubres, enquanto os trabalhadores ocupavam as terrenos mais

baratos, baixos e as áreas de várzeas.⁴⁹ Em um novo exercício com o modelo de elevação da cidade, figura 6, podemos enxergar essa segregação.

Figura 6: Cortiços na imprensa x Fábricas - 1914



Nem todas as fontes aqui organizadas estavam no plano inicial, ou apresentavam respostas para questões bem definidas, entretanto, puderam encontrar relações entre si tendo o espaço como denominador comum. A partir dessas análises propostas aqui podemos pensar para além da distinção espacial real vivenciada pelos habitantes da cidade, em uma especialização utópica - distópica para a população pobre afetada - presente nos discursos, na legislação e medidas tomadas para uma “cidade limpa”, que também é passível de espacialização e nos ajuda a compreender interferências dessas medidas na ocupação efetiva da cidade.

⁴⁹ BLAY, Eva Alterman. **Eu não tenho onde morar, vilas operárias na cidade de São Paulo**. São Paulo: Nobel, 1985 p. 51

2.2. Estudo de caso B: Mapeamento dos espaços ocupados pelos homossexuais afeminados (1930-1960)

As minorias podem ser definidas como “grupo de indivíduos que por suas características físicas ou culturais, se diferenciam do resto da sociedade em que vivem por tratamento diferencial”⁵⁰. A comunidade LGBTQI+ é um desses grupos e o que os distingue do grupo dominante é o fato de não se adequarem no padrão hetero-cis-normativo, seja por se relacionarem fisicamente com pessoas do mesmo gênero, seja por terem a identidade ou expressão de gênero diferente daquela atribuída no nascimento.

Na década de 1930 houve diversas tentativas de entender e solucionar o problema que era a existência dos homossexuais masculinos. Compreendida na Idade Média como pecado, a partir do século XIX a questão de homens que se relacionavam sexualmente e romanticamente com outros homens se tornou assunto da medicina e caso de polícia. Neste período, as ideias da Escola Positiva que se “caracterizava por um discurso médico-científico que patologizava o anti-social”⁵¹ chegou com força no Brasil. Seus estudiosos defendiam que a instabilidade do corpo podia explicar a instabilidade da sociedade, por isso se fazia necessário identificar “corpos perigosos”⁵². Um destes corpos era justamente o do homossexual, que tinha a sua anormalidade explicada por haver nestes indivíduos um desequilíbrio hormonal ou problemas psiquiátricos.

No campo jurídico a homossexualidade nunca foi criminalizada. Entretanto, a força policial se servia de outras justificativas para efetuar prisões, enquadrando estas pessoas nos artigos: 399, que versava sobre vadiagem, ou seja, condição de não ter emprego ou ter emprego que atacasse a moral e os bons costumes; no artigo 282, sobre atentado ao pudor; e por último o de número 379, que proibia que o indivíduo se vestisse com roupas que não fossem as designadas socialmente para o seu gênero.⁵³

⁵⁰ BARBOSA DA SILVA, J. F. **Homossexualismo em São Paulo: estudo de um grupo minoritário**. São Paulo, 1961. Dissertação (Mestrado) — Escola de Sociologia e Política de São Paulo, p.56

⁵¹ FERLA, Luis. **Feios, sujos e malvados sob medida: A utopia médica do biodeterminismo**. São Paulo: Alameda, 2009, p.23

⁵² Ibid.

⁵³ GREEN. James. **Além do Carnaval: a homossexualidade no Brasil no século XX**. São Paulo: Editora Unesp, 2000, p.57-58

Os mais afetados por estas políticas discriminatórias eram os gays afeminados, isto é, homens que performam na sua expressão de gênero o que é considerado “feminino”: usar vestidos, utilizar maquiagem, ter a voz fina, etc. Os que se vestiam e agiam de acordo com o que era esperado pelo gênero ao qual foram designados ao nascer, no mais das vezes conseguiam passar despercebidos e não eram oprimidos diretamente nem pela polícia, nem pelos médicos.

É justamente esses indivíduos que eram tidos como afeminados que o presente estudo aborda. O objetivo é mapear os territórios ocupados por eles e tentar identificar as relações estabelecidas entre este grupo e o espaço físico da cidade. Optei pela palavra “ocupação” justamente por se tratar de ambientes onde constantemente lhes é negado o direito de permanecer.

A intolerância fazia com que muitos deles não conseguissem empregos, o que resultava na busca de sustento através da prostituição e de pequenos golpes. E mesmo quando conseguiam empregos, eram ocupações tradicionalmente executadas por mulheres, como cozinhar e fazer limpeza.⁵⁴ Viviam por vezes nas ruas ou em casas compartilhadas com outros que estavam na mesma situação.⁵⁵ Um estudo realizado pelo psiquiatra do Laboratório de Antropologia Criminal da Polícia de São Paulo, Edmur Aguiar Whitaker, com oito homossexuais no ano de 1938, nos traz informações sobre como e onde estes indivíduos viviam.⁵⁶ O estudo consistiu em uma entrevista sobre suas histórias e forma de viver. Perguntou-se onde nasceram e como chegaram em São Paulo, o que faziam para sobreviver, como eram as relações entre os homossexuais e onde se encontravam, quais eram as suas formas de lazer, etc.

Uma parte dos entrevistados vivia da prostituição, frequentando casas de tolerância. Estas “casas” eram locais onde normalmente mulheres se prostituíam. No entanto, o historiador James Green em seu livro “Além do Carnaval”, que entre outras temas discute a apropriação do espaço urbano pelo homossexual, afirma que os lugares de prostituição femininos e os espaços homossexuais constantemente se sobrepunham.⁵⁷

⁵⁴ Ibid, 167-170

⁵⁵ Ibid, p.162

⁵⁶ WHITAKER, E. de A., KRAUS, E., OLIVEIRA, M. R. de, SINISGALLI, A. **Estudo biográfico dos homossexuais (pederastas passivos) da capital de São Paulo. Aspectos da sua atividade social, costumes, hábitos, “apelidos”, “gíria”**. Arquivos de Polícia e Identificação, v.2, n.1, p.244-260, 1938-1939

⁵⁷ Ibid,p. 273

Gostavam de ir ao cinema, parques, cabarets e dancings. Nesses locais procuravam parceiros em potencial e se o flerte fosse correspondido partiam para bordéis, que na tentativa de evitar a repressão se vendiam como simples pensões para mulheres⁵⁸. A partir deste estudo tem-se a ideia de que havia uma concentração deste grupo nos bairros de Santa Efigênia, Sé e Consolação. A Praça da República, Parque da Luz e Vale do Anhangabaú foram citados na pesquisa de Whitaker⁵⁹, e suas imediações eram repletos de pensões e hotéis baratos que “serviam de espaços semi-públicos para as atividades homossexuais”⁶⁰.

Em 1940, na tentativa de retirar dos centros essas atividades consideradas imorais, foi criada uma zona de meretrício no bairro do Bom Retiro. Segundo James Green, a concentração de práticas homoeróticas se deslocou do Vale do Anhangabaú para o Parque D. Pedro II⁶¹. Em 1953, um decreto extinguiu a zona, e o centro voltou oficialmente a ser ocupado com o que era considerado indecente.

A tese de mestrado de José Fabio Barbosa da Silva, datada de 1961, é pioneira no estudo deste grupo minoritário através de um viés sociocultural, se opondo às pesquisas que o via apenas como um problema a ser solucionado. A análise da tese revela que os lugares citados no estudo médico de Whittaker permaneceram como espaço de atividades homossexuais na década de 1950, mas que também novas áreas foram ocupadas, sendo elas: Praça D. José Gaspar, Praça Clóvis Beviláqua, Praça João Mendes, Largo do Paissandu, entre outros.⁶² O recorte temporal deste estudo de caso acaba justamente na década de 1950, pois a partir daí começa a se delinear uma leve tolerância a atividades homoeróticas com o surgimento de locais especializados em atendimento e encontros para homossexuais.⁶³ “Leve” porque isso não significa que a homossexualidade passou a ser amplamente aceita, pois a “opinião hegemônica ainda considerava a homossexualidade pervertida, decadente e não natural”⁶⁴. Dessa forma, a década de

⁵⁸ GREEN. James. **Além do Carnaval: a homossexualidade no Brasil no século XX**. São Paulo: Editora Unesp, 2000, p.166

⁵⁹ WHITAKER, E. de A., KRAUS, E., OLIVEIRA, M. R. de, SINISGALLI, A. **Estudo biográfico dos homossexuais (pederastas passivos) da capital de São Paulo. Aspectos da sua atividade social, costumes, hábitos, “apelidos”, “gíria”**. Arquivos de Polícia e Identificação, v.2, n.1, 1938-1939, p.254

⁶⁰ GREEN. James. **Além do Carnaval: a homossexualidade no Brasil no século XX**. São Paulo: Editora Unesp, 2000. p.160

⁶¹ Ibid, p.273

⁶² BARBOSA DA SILVA, J. F. **Homossexualismo em São Paulo: estudo de um grupo minoritário**. São Paulo, 1961. Dissertação (Mestrado) — Escola de Sociologia e Política de São Paulo, p.73

⁶³ GREEN. James. **Além do Carnaval: a homossexualidade no Brasil no século XX**. São Paulo: Editora Unesp, 2000. p.279

⁶⁴ Ibid, p.280

1960 marca o início de uma pequena abertura da sociedade e crescentes questionamentos acerca dos papéis de gêneros estabelecidos.

Tanto as pesquisas de Whittaker como a de Barbosa da Silva foram preciosas para o andamento do estudo de caso, funcionando com um pontapé inicial da pesquisa. Além de trazer informações acerca dos territórios ocupados por essas pessoas que resultaram em uma camada na Pauliceia 2.0, também deram pistas sobre outras camadas que poderiam ser feitas, como casas de tolerância e cinemas. Ademais, James Green ao discutir brevemente a sobreposição dos espaços entre prostitutas e homossexuais e a perseguição policial a esses indivíduos, nos levou a procurar mais sobre os territórios do meretrício feminino e crimes envolvendo homossexuais, o que também implicou na criação de novas camadas na plataforma.

É importante destacar que o presente estudo foi feito dentro das limitações impostas pela Covid-19, que impossibilitaram a visita à arquivos, as camadas foram criadas com a documentação que havíamos reunido anteriormente à pandemia. Infelizmente, não conseguimos acessar fontes importantes como os relatórios da Guarda Noturna, Rádio Patrulha, Gabinete de Investigações, Boletins de Ocorrência e Inquéritos Policiais e por isso muito do que havíamos planejado não foi realizado. Os objetivos pré-pandemia incluíam mapear lugares ocupados por homossexuais afeminados para além dos bairros da Santa Ifigênia, Sé e Consolação e localizar lugares comumente frequentados pelos homossexuais como dancings, rendez-vous, cabarés, hotéis e pensões.

Quadro 2 - Camadas elaboradas para o estudo de caso B

| Título da Camada | Descrição | Fontes | Metodologia | Autoria |
|--|---|--|---|----------------|
| Áreas ocupadas por homossexuais - 1939 a 1959 | A camada tem como intuito mapear as áreas ocupadas por homossexuais no período. | 1. Estudo biográfico dos homossexuais (pederastas passivos) da capital de São Paulo. Aspectos da sua atividade social, costumes, hábitos, “apelidos”, “gíria” - E. Whittaker, A. Kraus, M.R de Oliveira e A. Sinisgalli. - 1938-1939 2. Homossexualismo em São Paulo: estudo de um grupo minoritário. - José Fábio Barbosa da Silva - 1960 3. Além do Carnaval: Homossexualidade Masculina no Brasil do Século XX - James Green - 2000 | Foi utilizado o software QGIS para criar os polígonos referentes aos locais ocupados por homossexuais. Estes polígonos foram feitos em cima de uma carta georreferenciada da cidade de São Paulo do ano de 1930, o SARA Brasil. A tabela de atributos foi criada a partir das descrições contidas no livro de James Green. | Cintia Almeida |
| Casas de Tolerância - 1932 a 1955 | A camada trata das casas de tolerâncias (locais de prostituição) | Correio de São Paulo, Correio Paulistano, Jornal de Notícias e Diário da Noite. | 50 endereços foram encontrados utilizando o geolocalizador da plataforma e os que não fazem da parte área piloto, no caso 10 endereços, foram inseridos na camada a partir do software QGIS. Em 1929 o Código de Posturas decretou que a numeração seria definida através da metragem do imóvel em relação ao início da rua. Assumi que no período abarcado pela camada a mudança na numeração já ocorreu, por este motivo utilizei a ferramenta régua do QGIS para medir a metragem e criar os pontos onde se localizavam as casas de tolerância. ¹ | |

¹ Devido a pandemia da Covid-19 não foi possível ter acesso aos Livros de Emplacamento para checar se a mudança na numeração ocorreu. No entanto, por se tratar de endereços de décadas posteriores ao Código de Postura, a hipótese levantada tem grandes chances de se mostrar correta.

| Título da Camada | Descrição | Fontes | Metodologia | Autoria |
|---|--|---|--|---|
| Crimes envolvendo homossexuais - 1955 a 1962 | Levantamento de crimes relacionados a homossexuais que eram noticiados nos periódicos da época. | Jornal Diário da Noite - 1932 a 1955 | Os vetores foram feitos no software QGIS. Como alguns endereços possuíam numeração do imóvel e outros não, optei por fazer a linha apenas na rua indicada pela notícia. Para deixar mais visível a repetição de ocorrências em uma mesma rua, coloquei os vetores lado a lado, assim, em uma escala menor é perceptível o acúmulo de crimes. | Cintia Almeida |
| Residência de Homossexuais - 1939 a 1962 | Trata-se de um levantamento das residências de indivíduos homossexuais. O banco de dados inclui informações acerca da profissão, raça, estado civil e idade. | 1. Estudo biográfico dos homossexuais (pederastas passivos) da capital de São Paulo. Aspectos da sua atividade social, costumes, hábitos, “apelidos”, “gíria” - E. Whittaker, A. Kraus, M.R de Oliveira e A. Sinisgalli. - 1938-1939 2. Jornal Diário da Noite - 1932 a 1955 | Da mesma forma como ocorreu a espacialização das casas de tolerância, oito residências foram geolocalizadas através da plataforma e seis foram vetorizadas pelo software QGIS utilizando a régua. | |
| Territórios de prostituição feminina - 1924 a 1939 | Mapeia os territórios de prostituição feminina nas décadas de 1920 e 1930. | Segregações espaciais urbanas: a territorialização da prostituição feminina em São Paulo - Sarah Feldman - 1989 | O mapa está presente na própria fonte e para colocá-lo na plataforma foi necessário fazer o processo de georreferenciamento e vetorização. A baixa qualidade em que se encontra o arquivo da tese prejudicou o processo de georreferenciamento, por este motivo algumas áreas do distrito de Santa Efigênia e Consolação presentes no mapa da tese não aparecem na camada. | |
| Salas de Cinema - 1895 a 1931 | Levantamento feito em diversas fontes acerca dos cinemas na cidade. | 1.Almanak Laemmert. Volume II - 1931 2. http://arquiamicos.org.br/blog/ 3. Salas de Cinema e História Urbana de São Paulo (1895-1930) : O cinema dos Engenheiros - José Inácio de Melo e Souza | Endereços encontrados a partir do geolocalizador da plataforma. | Cintia Almeida, Rafael Laguardia, Maria Julia Andrade, Lucas Knabben, Pablo Alves e Emilio Augusto; |

2.2.1. Análise das camadas

Localismo

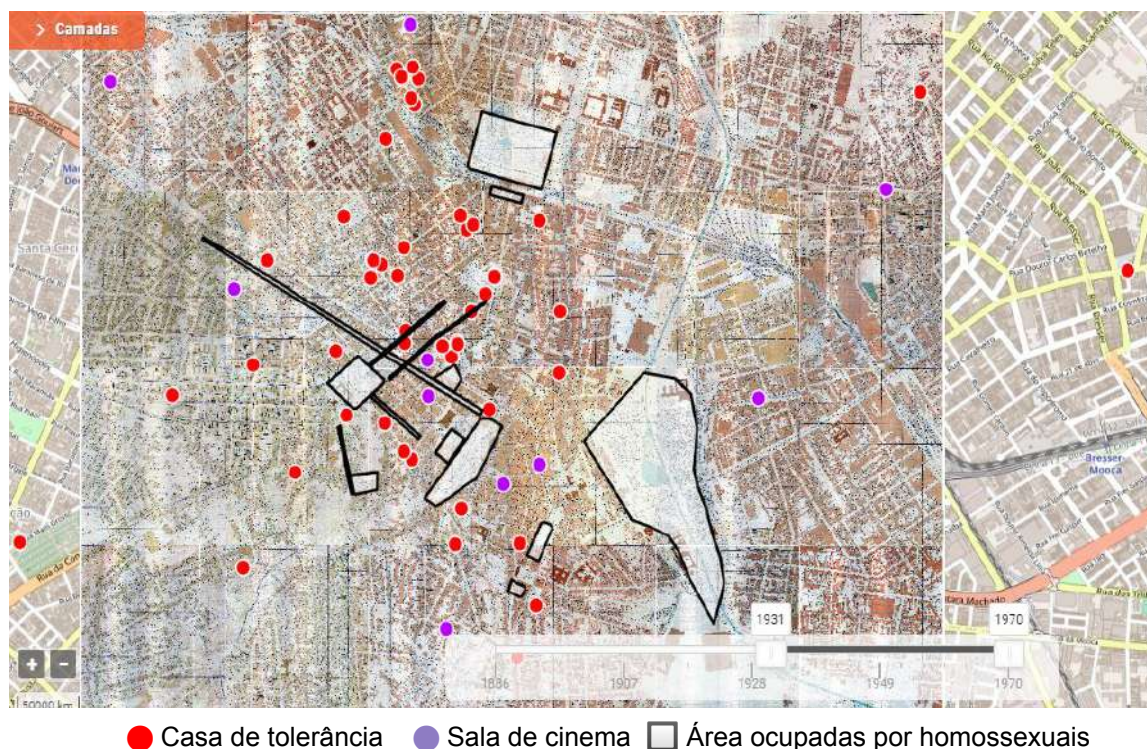
Antes de nos debruçarmos sobre as camadas criadas na Pauliceia 2.0 é necessário explicar que a fonte usada para criar a camada das casas de tolerância foram periódicos da época, que geralmente noticiavam badernas ou assassinatos no interior desses estabelecimentos. O fato da maioria dos endereços serem da área central não implica que as casas de tolerância existiam somente ali. O mesmo se aplica ao estudo realizado por Edmur Whittaker, cujo título deveria deixar claro que a pesquisa se aplicou apenas a uma parte da cidade. Dessa forma, o primeiro eixo deste estudo de caso é uma pequena reflexão sobre a ocupação da região central pelos homossexuais e suas dinâmicas com esse espaço.

A partir da análise das camadas foi possível notar que a maioria das casas de tolerância encontradas nos jornais se encontram próximas dos grandes parques que são ocupados por atividades homoeróticas, com destaque para a região entre o Parque da Luz e a Praça República. Os cinemas se encontram mais espalhados, mas uma boa parte está próxima dos parques e das casas de tolerâncias (Figura 7).

Essa proximidade, que foi previamente indicada por James Green⁶⁵, mostra uma relação forte entre estes locais. Se o flerte era feito nos parques, cinemas e bares, a relação sexual era consumada normalmente num quarto de pensão, hotel ou casa de tolerância. Assim, era preferível que o local de flerte e do sexo fossem próximos, para que se pudesse de preferência chegar caminhando.

⁶⁵ GREEN. James. **Além do Carnaval: a homossexualidade no Brasil no século XX**. São Paulo: Editora Unesp, 2000. p.160

Figura 7: Salas de Cinema - 1895 - 1931 x Casas de Tolerancia 1932 a 1955 x Áreas ocupadas por homossexuais 1939 a 1959



Incluindo a camada “Residências de indivíduos homossexuais” na análise, percebe-se que essas estão muito próximas das casas de tolerância, chegando em dois casos a estarem na mesma rua e nesses casos os indivíduos em questão se identificaram como prostitutas. Apesar das residências e os locais de prostituição não serem do mesmo ano, é significativo que as moradias estejam próximas de logradouros que tiveram casas de tolerância ao longo do tempo. Na Figura 8 é possível identificar a pequena distância entre os locais citados, estando as residências em até duas quadras dos estabelecimentos de prostituição mais próximos e a quatro quadras dos cinemas.

Figura 8: Casas de tolerância - 1931 a 1955 x Salas de cinema - 1895 a 1931 x Área ocupadas por homossexuais - 1939 a 1959

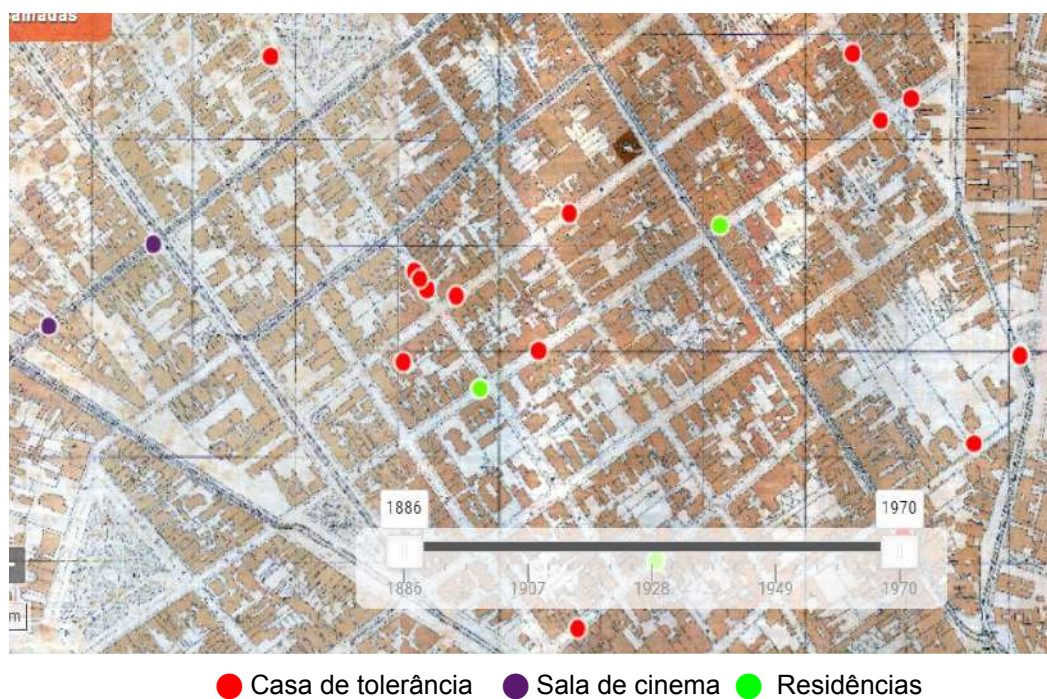
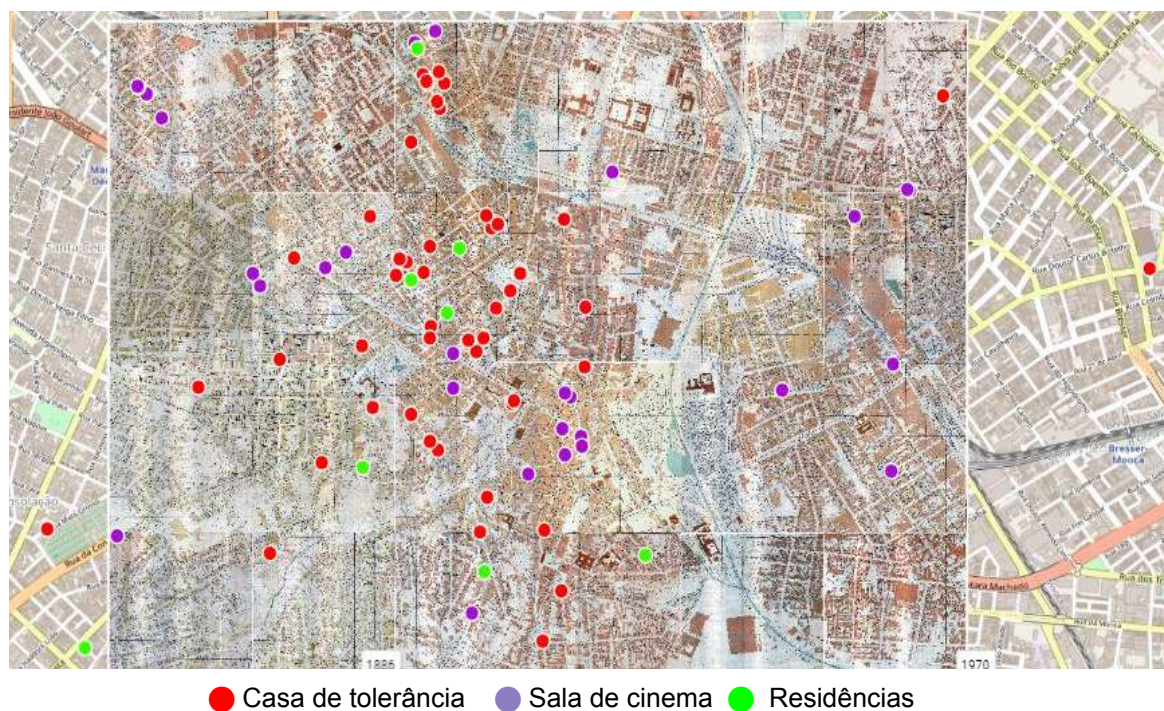


Figura 9: Salas de cinema - 1895 a 1931 x Casas de tolerância - 1931 a 1955 x Área ocupadas por homossexuais - 1939 a 1959 (visão geral)



Infelizmente, não tivemos acesso a documentos que dessem informações sobre como funcionava a prostituição masculina nesses locais. Mas se a prostituição da mulher podia ser visto por alguns como um “mal necessário” para saciar os instintos sexuais do homem ou uma forma de trabalho válido, o meretrício dos homens era considerado crime e por isso devia ser duramente combatido⁶⁶.

O estudo de Whittaker, por mais que seja calcado em princípios higienistas e preconceituosos, é uma fonte rica para a temática, trazendo informações valiosas. Com relação à moradia, alguns deles viviam de forma precária, em quartos apertados e mal ventilados⁶⁷, considerados propícios para a proliferação de doenças. Apesar de frequentarem locais de prostituição, nenhum deles afirmou residir neles, algo que parecia comum para as prostitutas, viver e trabalhar no mesmo local.

Quanto às atividades de lazer, chama atenção nas entrevistas que os locais de diversão dessas pessoas eram os cabarés, dancing e cinemas, sendo o último citado por quase todos. Se suas moradias eram próximas de seus locais de trabalho e lazer, pode-se pensar que a maioria de seus dias eram vividos naquela porção da cidade, de preferência no período noturno, que é o momento em que os tipos de estabelecimento citados geralmente funcionam. De fato, um dos entrevistados por Whittaker chega a comentar que “não sai durante o dia, a passeio, por ter as sobrancelhas depiladas, cabelo longo à moda das mulheres e por ter o andar efeminado, o que geralmente é notado e pode causar escândalo e consequentemente vaias, apodos e apuros com a Polícia.”⁶⁸

Não é possível, é claro, afirmar que essas pessoas não frequentavam outras partes da cidade, mas é plausível que não se aventurassem para longe desses locais, que pelo seu conhecimento (tanto das ruas quanto das pessoas), se tornavam mais seguros. O fato de não poderem transitar em determinados períodos do dia evidencia a negação do direito à cidade a que esses grupos eram submetidos.

Ao mesmo tempo que esse “localismo” aparece, temos uma circulação de indivíduos homossexuais que vêm de outras regiões e até de cidades para se divertir

⁶⁶ MAZZIEIRO, João Batista. **Sexualidade Criminalizada: Prostituição, Lenocínio e Outros Delitos** - São Paulo 1870/1920. Rev. bras. Hist., São Paulo, v. 18, n. 35, p. 247-285, 1998. Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881998000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em jan. 2021.

⁶⁷ WHITAKER, E. de A., KRAUS, E., OLIVEIRA, M. R. de, SINISGALLI, A. **Estudo biográfico dos homossexuais (pederastas passivos) da capital de São Paulo. Aspectos da sua atividade social, costumes, hábitos, “apelidos”, “gíria”**. Arquivos de Polícia e Identificação, v.2, n.1, 1938-1939, p.248

⁶⁸ Ibid, p.245

no centro. Uma das notícias utilizadas para criar a camada de “Crimes envolvendo homossexuais” narra a prisão de diversos homens por atentado ao pudor no Parque D. Pedro II. Dentre eles, dois são de fora da cidade, habitantes de Santo André e São Caetano do Sul⁶⁹. Nestor Oswaldo Perlongher, em sua tese intitulada “O negócio do michê: Prostituição viril em São Paulo”, entrevista diversos homens que se prostituem. Um deles relata que em 1959 era acostumado a vir de Santos para São Paulo para se divertir.⁷⁰

A mudança parece ser algo constante na vida destes homens. A falta de estrutura e as constantes perseguições, tanto por parte do governo quanto pelos civis, faziam com que essas pessoas fossem obrigadas a mudar de residência e por vezes até de estado.

Territórios compartilhados

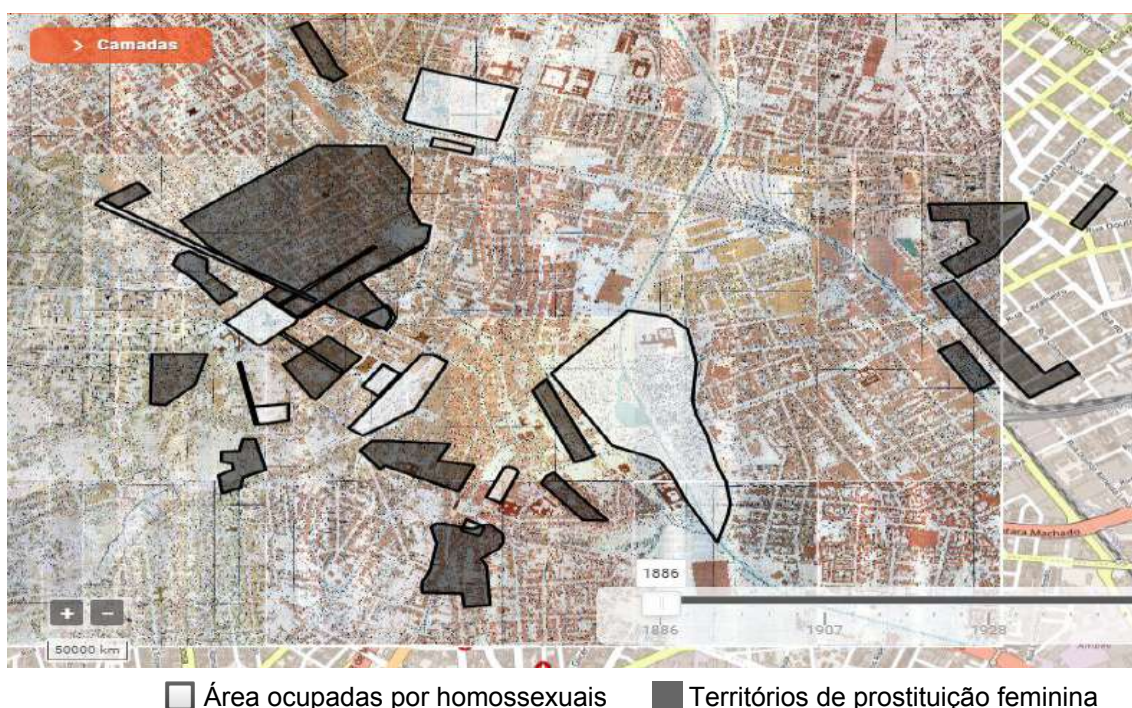
A análise das camadas do território de prostituição feminina⁷¹ e das áreas ocupadas por homossexuais mostra que os dois grupos estavam presentes nos bairros da Sé, Consolação, Bom Retiro e Santa Ifigênia. Como dito por Green e evidenciado na observação das camadas, os territórios de prostituição feminina e masculina constantemente se sobrepunham e apenas o distrito do Brás não aparece na camada das áreas ocupadas por homossexuais (Figura 10).

⁶⁹ “**Elas faziam encandêlo**”, Diário da Noite, São Paulo. 15 de jan. de 1962

⁷⁰ PERLONGHER, Nestor Oswaldo. **O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. 1987, p.94

⁷¹ Originalmente, a ideia era criar uma camada com os três mapas que aparecem na tese de Sarah Feldman, que cobrem o período de 1924 até a década de 1970. No entanto, devido a baixa qualidade dos arquivos consegui colocar apenas o de 1924 a 1939 na plataforma. Apesar de estarem em tempos diferentes, a análise entre os espaços ocupados por homossexuais e a camada citada é possível porque os territórios de prostituição do primeiro e segundo mapa da tese (período de 1940 a 1953) cobrem praticamente o mesmo espaço. FELDMAN, Sarah. **Segregações espaciais urbanas: A territorialização feminina em São Paulo**. Dissertação de mestrados, FAU/USP. 1988, p.78

Figura 10: Território de prostituição feminina - 1924 a 1939 x Áreas ocupadas por homossexuais - 1939 a 1959



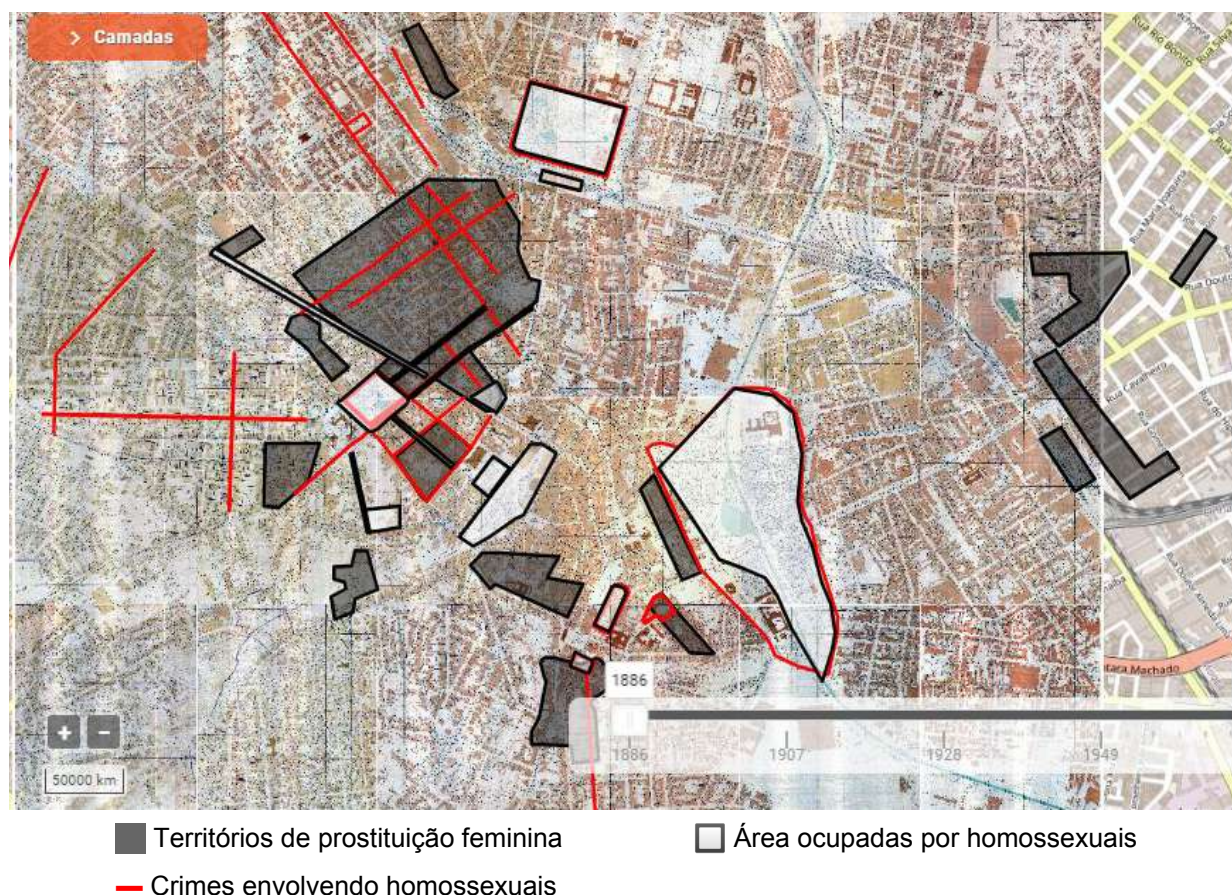
Na camada da prostituição, o polígono maior é o de Santa Efigênia, indicando que ali era a maior concentração de locais de meretrício. O polígono referente ao distrito do Bom Retiro ocupa o espaço das ruas Itaboca e Aymores. Entre 1940 a 1954, esses logradouros seriam os únicos legalmente permitidos a ter casas de tolerância, o que é claro, não evitou que o restante da cidade continuasse com a prostituição. Quase saindo da área piloto, temos os polígonos do Brás/Mooca. Segundo Feldman, o Brás era o único subcentro existente na época e “desde o início do século já tinha o seu comércio, seus cinemas, teatros, de forma que seus moradores pouco se dirigiam ao Triângulo”⁷²

Todos os crimes estão dentro da área das outras duas camadas. A praça da Sé, República, João Mendes, Jardim da Luz, Parque D. Pedro II aparecem tanto na das Áreas ocupadas por homossexuais quanto na de crimes (Figura 11). Os motivos das prisões variam entre atentado ao pudor, vadiagem e roubo, mais especificamente o chamado “golpe do suadouro”. Nele, a vítima era atraída para ter relações sexuais com uma prostituta ou homossexual e enquanto isso um(a) comparsa furtava ou roubava pertences e dinheiro. Esse crime era cometido tanto

⁷² FELDMAN, Sarah. **Segregações espaciais urbanas: A territorialização feminina em São Paulo.** Dissertação de mestrado, FAU/USP. 1988, p.

em lugares públicos quanto em casas de tolerância, sendo constante a batida de policiais nestes locais. Em 1962 o golpe parece estar causando grandes problemas, já que uma força-tarefa foi criada para deter os criminosos que estavam, segundo notícia do Diário da Noite, “infestando” a Praça da República e as avenidas São Luís e Ipiranga.⁷³

Figura 11: Territórios de prostituição feminina 1924 - 1939 x Área ocupadas por homossexuais -1939 -1959 x Crimes envolvendo homossexuais 1955 - 1962



O golpe do suadouro só funciona em conluio com outras pessoas, as notícias relatam que homossexuais e prostitutas cometiam o crime juntos e dividiam o que obtinham. Essas interações apontam um possível companheirismo entre eles, que vai ao encontro dos apontamentos feitos por Green de que

As prostitutas, estigmatizadas e marginalizadas pela cultura e moralidade da burguesia paulista, iriam logicamente identificar-se com os bichas, ou ao menos demonstrar menor hostilidade em relação a

⁷³ **Guerra à delinquência... Polícia vai atacar o reduto da vergonha.** Diário da Noite, São Paulo. 19 de out. De 1962.

eles, que também enfrentavam o preconceito social e a condição de viver como párias.⁷⁴

Se homossexuais e prostitutas dividiam os mesmos espaços no centro, com certa cumplicidade, é possível supor que o mesmo poderia acontecer em outros bairros onde havia o meretrício feminino, como no Brás. Para testar essa hipótese é necessário consultar fontes referentes a esse distrito e assim verificar a existência de ocorrências envolvendo homossexuais. Só assim pode-se atestar se havia aglomerações desse grupo nesse território, mesmo que em grau menor em comparação com a área central.

⁷⁴ GREEN. James. **Além do Carnaval: a homossexualidade no Brasil no século XX**. São Paulo: Editora Unesp, 2000. p.161

3. Algumas considerações finais

(...) a História não se escreve fora do espaço e não há sociedade a-espacial. O espaço, ele mesmo, é social”
Milton Santos, 1977

3.1 Sujos, imorais e indesejados

No andamento da pesquisa percebemos que os sujeitos estudados possuem diversas similaridades. Os homens que se relacionam com outros homens, as prostitutas e os moradores de cortiço são vistos como um problema para o Estado, problema esse que envolve questões como imoralidade e insalubridade. Segundo Sarah Feldman, a “organização da prostituição é marcada entre 1924 e 1939 pela intermediação do sistema habitacional”⁷⁵. A autora ressalta que a forma que casas de tolerância são alugadas é a mesma que a dos cortiços, onde o proprietário aluga o imóvel para um indivíduo e este por sua vez o arrenda para outras pessoas. No cenário das casas de tolerância, os quartos eram sublocados para mulheres tanto como espaço de trabalho quanto de moradia, configurando para os proprietários um negócio altamente lucrativo.⁷⁶ Feldman discute ainda que os estabelecimentos de meretrício representavam um perigo à moralidade das classes mais abastadas, sendo necessário então afastar esse tipo de atividade dos distritos habitados por eles. Para as pessoas de baixa renda, o meretrício estava “incrustado em seus territórios, a leste e a oeste dos Tamanduateí”⁷⁷.

Os moradores e frequentadores de cortiços e de casas de tolerância compartilhavam um estigma de depravação, como aponta Raquel Rolnik em sua obra “A cidade e a lei”

Doença, imoralidade e pobreza se enredaram numa trama maldita de tal modo que as condições de moradia precárias eram imediatamente associadas à imoralidade e a doenças, demarcando um território rejeitado na cultura urbanística da cidade. Essa visão permanece na legislação urbana até hoje.⁷⁸

⁷⁵ FELDMAN, Sarah. **Segregações espaciais urbanas: A territorialização feminina em São Paulo**. Dissertação de mestrados, FAU/USP. 1988, p.61-62

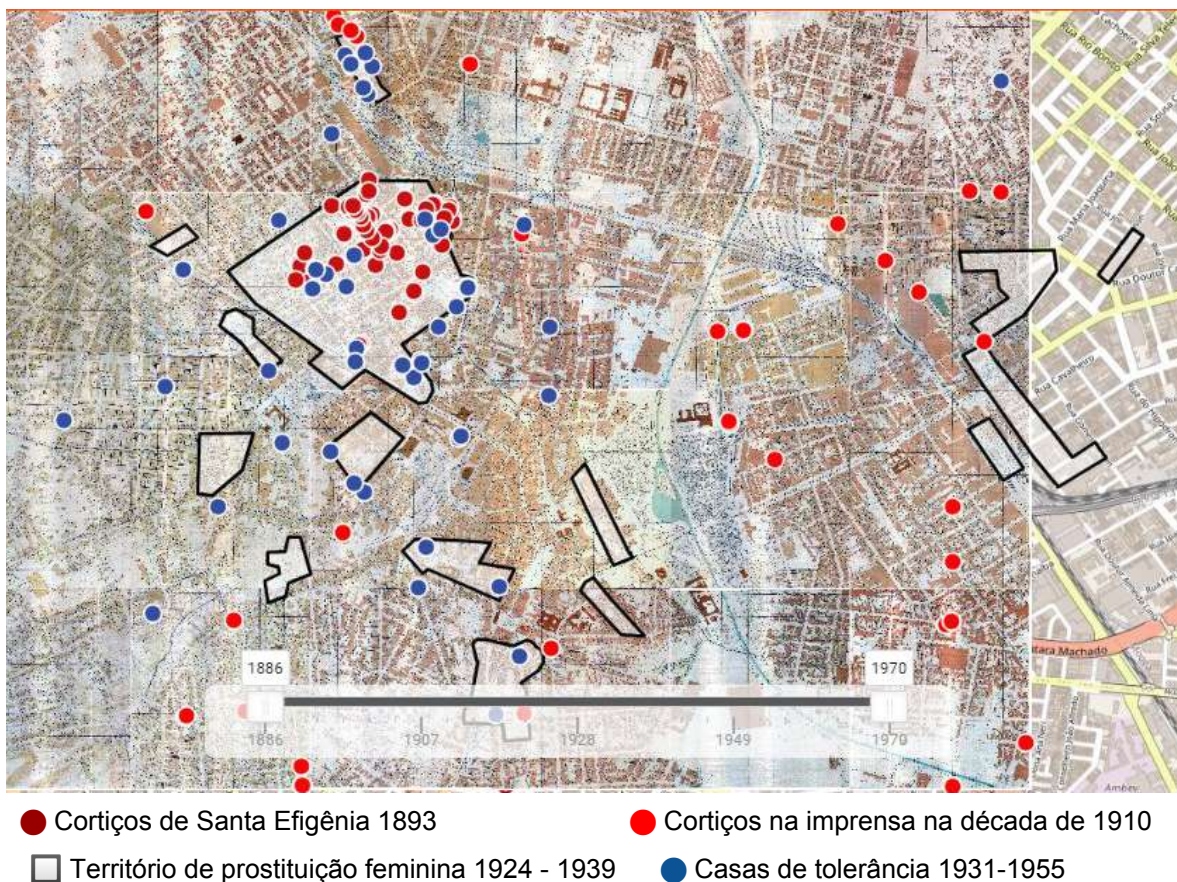
⁷⁶ Ibid, p.62-63

⁷⁷ Ibid, p.61

⁷⁸ ROLNIK, R. **A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo**. Studio Nobel, 1997. p. 41

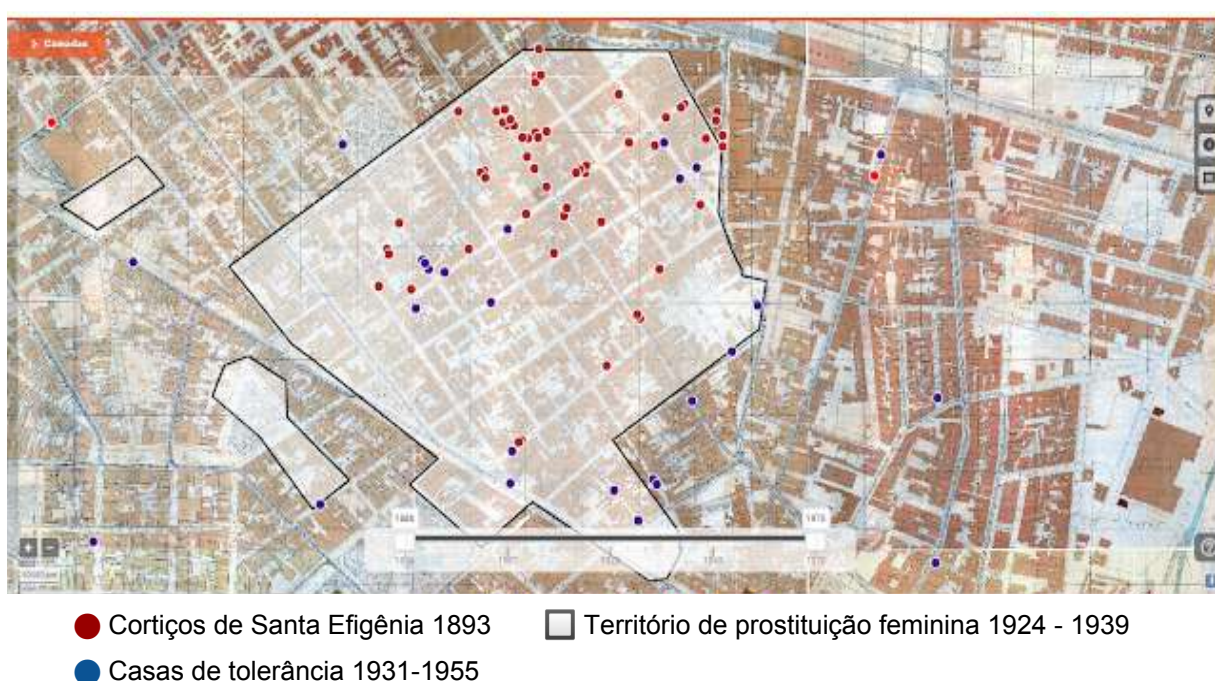
Ao contrapor as duas de camadas de cortiços, casas de tolerância e territórios de prostituição feminina é possível perceber a presença desses atores em espaços muito próximos.

Figura 12: Cortiços de Santa Efigênia x Cortiços na imprensa na década de 10 x Território de prostituição feminina x Casas de tolerância



Reconhecemos que os dados são de diferentes temporalidades, no entanto achamos interessante o exercício de compará-los, até mesmo para pensar numa continuidade das questões de “imoralidade” na área central da cidade, principalmente no bairro de Santa Efigênia (Figura 13)

Figura 13: Cortiços de Santa Efigênia x Território de prostituição feminina x Casas de tolerância



Além disso, as políticas de segregação existem no período dos dois estudos, seja com as tentativas de afastar os trabalhadores da cidade ou com a restrição das atividades de prostituição ao bairro do Bom Retiro, o que se percebe é uma promoção de “limpeza social” do centro enquanto esses sujeitos resistem em algum grau, num processo talvez consciente de ocupação do espaço, pela garantia de condições materiais de vida ou os dois.

3.2 A plataforma Pauliceia 2.0

Nossa análise sobre a contribuição da plataforma para as pesquisas históricas é baseada em dois eixos, o primeiro sobre a amigabilidade, funcionalidades e comportamento com os dados. O segundo, acerca de como as outras pesquisas armazenadas na plataforma influenciaram os dois estudos de caso, se houve novas reflexões a partir de cruzamento de dados e se há e como funciona a interação entre os usuários na plataforma.

Dentre as características que compõem a categoria de design do ambiente, a Pauliceia 2.0 apresenta uma interface bastante organizada, mas com amigabilidade moderada. Os mecanismos de busca de endereços, painel do usuário e

comunicação entre os pares e com o suporte são facilmente localizáveis, além de contar com um tutorial de introdução ao uso da plataforma.

Durante nossos estudos de caso utilizamos as duas formas de inserção de dados disponíveis atualmente. A primeira foi utilizando o geolocalizador para encontrar os endereços e a segunda fazendo upload de camadas criadas em software de SIG, mais especificamente no QGIS. O geolocalizador permite buscas tanto de um só endereço quanto de dados volumosos organizados em uma planilha. Utilizamos essa função para criar as camadas de *Residências dos homossexuais*, *Casas de tolerância*, *Salas de cinema* e *Cortiços na imprensa*. Depois de tentar geolocalizar os dados, a plataforma retorna listas contendo quais foram os endereços encontrados e quais não.

A partir da lista de endereços não encontrados verificamos o banco de dados e percebemos que algumas ruas estão com poucas informações, o que limita o funcionamento do geolocalizador. Isso evidencia a necessidade de uma ampliação do banco de dados. Outra questão é que se tratando de planilhas com dados volumosos, a plataforma retorna nas listas apenas parte dos resultados, impossibilitando o usuário de saber todos os endereços que foram espacializados. Um usuário com experiência em SIG pode baixar a camada gerada e descobrir quantos e quais pontos ela possui, mas isso poderia ser algo que a própria plataforma disponibilizasse mais facilmente.

Continuando no tópico dos níveis de experiência dos usuários, aqueles que não possuem conhecimento sobre SIG se encontram limitados a utilizar o geolocalizador. Nesse sentido, seria interessante implementar ferramentas de vetorização na interface, aumentando as possibilidades de representação das pesquisas. Também seria pertinente ferramentas de manipulação do banco de dados das camadas e criar subcategorias dentro das visualizações ajudaria a perceber relações mais facilmente.⁷⁹ Por exemplo, na camada das *Residências dos homossexuais*, a categorização poderia ser pelo campo “profissão”. Assim, a indicação feita no estudo caso B sobre indivíduos que se declaravam prostitutos morando em ruas que tiveram casas de tolerância seria mais simples de estabelecer. Isso vale também para a camada *Fábricas em 1914*, que poderiam ser visualizadas na sua classificação por tipo de produção.

⁷⁹ Essas implementações já estão no planejamento da Fase 2 do projeto.

Tudo o que foi apontado deve ser visto à luz de que a Plataforma está em fase de testes, sendo estes testes extremamente necessários para o aperfeiçoamento da interface. É justamente o baixo volume de contribuições regulares que compromete o aprimoramento da tecnologia. Além das questões já postas sobre a desconfiança do historiador, nossa hipótese é que o pouco engajamento esbarra também na falta de familiaridade com projetos de ciência aberta e cidadã. No caso da Paulicéia 2.0, há o agravante de se tratar de uma plataforma computacional e estas geralmente são entregues para uso em uma versão posterior à fase de testes. Parece haver uma ideia de limitação do público que se percebe apenas como usuário e não como participante do projeto. Assim, quando a plataforma apresenta alguma falha a reação comum pode ser a de desistência.

Henrique Parra em artigo intitulado “Ciência cidadã: modos de participação e ativismo informacional” elenca quatro modelos de participação em projetos científicos:

Modelo A - Inserem-se as experiências de colaboração entre os próprios cientistas e suas instituições.

Modelo B - O público está presente como produtor ou coletor de dados.

Modelo C - É o público que analisa os dados produzidos ou disponibilizados por cientistas profissionais, instituições científicas ou órgãos governamentais.

Modelo D - Os cidadãos participam de todas as etapas do processo de produção, sistematização e difusão de novos conhecimentos. O público atua como produtor e coletor de dados, analisa os resultados e pode elaborar novas questões para a pesquisa.⁸⁰

Percebemos a Paulicéia 2.0 encaixando em certa medida no modelo D, pois a abertura dada pela interface é a de criação, edição e interpretação dos dados, o que pode acarretar na elaboração de novas reflexões a partir do cruzamento de diferentes camadas. No entanto, a questão dos dados poderem ser compartilhados, modificados e redistribuídos não está clara, não há indicação na plataforma sob qual licença o projeto utiliza. Sabemos que é a Creative Commons pois fazemos parte da equipe da Pauliceia 2.0, mas os usuários não possuem essa informação.

Embora seja aberta a todos, até agora apenas uma camada da plataforma foi feita por indivíduos de fora da academia e estes também não participaram do

⁸⁰ PARRA, H. Z. M. **Ciência cidadã: modos de participação e ativismo informacional**. In: ALBAGLI, S.; MACIEL, Maria Lucia ; ABDO, Alexandre Hannud. (Org.). *Ciência aberta, questões abertas*. 1ed.Rio de Janeiro: , 2015, v. 1, p. 127-132. Todas as explicações dos modelos são citações diretas do referido texto.

processo de idealização do projeto. A questão da falta de público resultou em não conseguirmos cruzar nossos dados com as camadas de outros usuários de forma satisfatória. Por se tratar de fontes que já conhecíamos, ver a sua representação espacial impacta, mas não surpreende, sendo difícil ir além do que já está evidenciado na bibliografia. No entanto, conseguimos estabelecer relações entre as camadas feitas para cada estudo de caso, eles entre si e com algumas camadas já existentes — como a da enchente e os mapas de base — o que já representa o ganho que o cruzamento de dados pode trazer para as diversas pesquisas.

Apesar da principal potencialidade da plataforma não ter sido testada abundantemente como projetamos no início da pesquisa, o fato de conseguirmos espacializar fontes diversas em um mesmo ambiente virtual, de forma colaborativa e aberta é um grande ganho para os estudos das temáticas. Esperamos que outras pessoas se apropriem dos dados e os usem para enriquecer o debate, cumprindo assim a expectativa da construção de um conhecimento mais democrático e colaborativo.

3.3. Nós, a graduação e as humanidades digitais

Apesar de não ser uma regra, a Academia em seus paradigmas nos molda a uma determinada maneira de pesquisar e entender história. Conforme se avança na graduação mais você se isola em um estudo, isola-se no sentido de estar focado em uma tema, mas também isola o indivíduo em sua própria pesquisa, mesmo existindo grupos de estudos para compartilhar pesquisas de mesma temática, o processo de investigação e escrita é individual. O primeiro estranhamento a respeito do nosso trabalho está na sua construção coletiva - o que não é incomum em outras áreas do conhecimento. Exemplificando, são raras as vezes em que nos deparamos com revistas que possibilitam a inclusão de muitos pesquisadores na autoria de artigos. Dentro da universidade já chegamos a ouvir que devemos nos adequar, já que trabalhos como esses não são valorizados pelas agências de fomento, revistas acadêmicas e assim em diante.

Desnaturalizar esses padrões foi um processo muito importante na nossa formação, foi essencial ter começado a pensar nisso tão cedo na graduação, antes que de alguma forma fôssemos “engessadas” pela “forma convencional” e solitária de fazer história. Solitária não só no sentido de pesquisas “individuais” em

contrapartida ao trabalho em grupo, mas também da História mais isolada de outras formas de produção de conhecimento. Mas de forma alguma foi um processo fácil ou que tenha chegado ao fim, ele tem sido acompanhado de um sentimento de despertencimento do curso de História.

Acreditamos que parte dessa desconfiança com trabalhos feitos por muitas mãos está baseada numa percepção de que um texto não pode ser escrito assim, percepção essa que exclui todo o processo de reflexão e compartilhamento de conhecimento que antecede à escrita. Claro que o texto é muito importante, é o principal divulgador científico, mas não o vemos aqui como o produto principal e final. Nossa contribuição está na divulgação das especializações para que outras pessoas possam usá-las para fazer seus próprios cruzamentos e reflexões.

Mas ao deslocarmos o ponto de gravidade, por muito tempo sentimos que a nossa pesquisa não se encaixava na Universidade e por isso não seria válida. Constantemente tínhamos que nos lembrar que o TCC era a produção das camadas e que essa parte escrita teria o papel de facilitadora do debate.

Soma-se a isso a falta de referências próximas que escapem do padrão inculcado de se fazer pesquisas historiográficas. Usar a trilha pouco demarcada com certeza foi um desafio. Apesar dos percalços ficamos contentes de perceber que a produção do conhecimento pode ser feita de variadas formas, todas válidas e nenhuma pior que a outra. Discutir softwares livres, fazer curso de bancos de dados e produzir mapas não estava em nossos planos quando entramos no curso de História, mas que bom que chegamos aqui assim.

Referências bibliográficas

ALBAGLI, Sarita; MACIEL, Maria Lucia; ABDO, Alexandre Hannud (Org.). **Ciência aberta, questões abertas**. Brasília: Ibict; Rio de Janeiro: Unirio. 2015

BARBOSA DA SILVA, J. F. **Homossexualismo em São Paulo: estudo de um grupo minoritário**. São Paulo, 1961. Dissertação (Mestrado) — Escola de Sociologia e Política de São Paulo

BLAY, Eva Alterman. **Eu não tenho onde morar, vilas operárias na cidade de São Paulo**. São Paulo: Nobel, 1985

BONDUKI, Nabil. **Origens da habitação social no Brasil: o caso de São Paulo. 1930-1954**. Tese de doutorado. FAU-USP, São Paulo, 1994

CARPINTÉRO, Marisa. **A construção de um sonho: os engenheiros-arquitetos e a formulação política habitacional no Brasil (São Paulo -1917/1940)**. Campinas:Editora Unicamp, 1997

CHAN, Leslie, OKUNE, Angela, SAMBULI, Nanjira. **O que é ciência aberta e colaborativa, e que papéis ela poderia desempenhar no desenvolvimento?**. In: ALBAGLI, Sarita; MACIEL, Maria Lucia; ABDO, Alexandre Hannud (Org.). **Ciência aberta, questões abertas**. Brasília: Ibict; Rio de Janeiro: Unirio, 2015

CORDEIRO, Simone Lucena (Org.). **Os cortiços de Santa Ifigênia: sanitarismo urbanização (1893)**. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo: Imprensa Oficial, 2010

CORREIA, Telma de Barros. **A construção do habitat moderno no Brasil (1870-1950)**. São Carlos: RiMa, 2004

FELDMAN, Sarah. **Segregações espaciais urbanas: A territorialização feminina em São Paulo**. Dissertação de mestrados, FAU/USP, 1988

FERLA, Luis. **Feios, sujos e malvados sob medida: A utopia médica do biodeterminismo**. São Paulo: Alameda, 2009

FERLA, Luis. **O SIG do passado tem futuro? A experiência do Hímaco como subsídio ao debate**. Educ. foco, Juiz de Fora, v. 24, n. 2, ago.2019

GOLD, M. (Ed.). **Debates in the digital humanities**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2012.

GREEN. James. **Além do Carnaval: a homossexualidade no Brasil no século XX**. São Paulo: Editora Unesp, 2000

GREGORY, Ian; ELL, Paul. **Historical GIS: Technologies, Methodologies, and Scholarship**. Cambridge: Cambridge University, 2008

HARLEY, Brian. **Deconstructing the map**. *Cartographica*. 26:2, 1989

_____. **Mapas, saber e poder**, Confins [Online], 2009

KNOWLES, Anne (ed.) **Placing history: how maps, spatial data, and GIS are changing historical scholarship**. Esri Press, Redlands. 2008

KUVASNEY, Eliane. **A representação da cidade de São Paulo nos albores do século XX: os mapas como operadores na construção da cidade espalhada**. 2017. Tese de doutorado. FFLCH-USP, São Paulo, 2017

MAZZEIRO, João Batista. **Sexualidade Criminalizada: Prostituição, Lenocínio e Outros Delitos - São Paulo 1870/1920**. Rev. bras. Hist., São Paulo, v. 18, n. 35, p. 247-285, 1998

OLIVEIRA, Afonso Soares de. **São Paulo e a Ideologia Higienista entre os séculos XIX e XX: A utopia da civilidade**. Sociologias, Porto Alegre, 2013

PARRA, H. Z. M. **Ciência cidadã: modos de participação e ativismo informacional**. In: ALBAGLI, S.; MACIEL, Maria Lucia ; ABDO, Alexandre Hannud. (Org.). *Ciência aberta, questões abertas*. 1ed.Rio de Janeiro: , 2015

PERLONGHER, Nestor Osvaldo. **O negocio do miche: prostituição viril em São Paulo**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciencias Humanas, Campinas, SP, 1987

RIBEIRO, Maria A. R. **História sem fim... Inventário da saúde pública. São Paulo - 1880-1930**. São Paulo: Editora Unesp, 1993

ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo**. São Paulo: Studio Nobel / Fapesp, 1997

_____. **Para além da lei: legislação urbanística e cidadania (São Paulo 1886-1936)**. In: Maria Adélia A Souza; Sonia C. Lins; Maria do Pilar C. Santos; Murilo da Costa Santos. (Org.). *Metrópole e Globalização-Conhecendo a cidade de São Paulo*. São Paulo: Editora CEDESP, 1999

TORRES, Aracele Lima. **A Tecnoutopia do Software Livre: uma história do projeto técnico e político do GNU**. 1. ed. São Paulo: Alameda/FAPESP, 2018

VILLA, C. E. V. **Precisión y exactitud en los Sistemas de Información Geográfica (SIG) en las investigaciones históricas**. In: Carlos Eduardo Valencia Villa; Tiago Luís Gil. (Org.). *O retorno dos Mapas. Sistemas de informação Geográfica em História*. 1ed.Porto Alegre: Ladeira Livros, 2017.

WHITAKER, E. de A., KRAUS, E., OLIVEIRA, M. R. de, SINISGALLI, A. **Estudo biográfico dos homossexuais (pederastas passivos) da capital de São Paulo. Aspectos da sua atividade social, costumes, hábitos, “apelidos”, “gíria”**. *Arquivos de Polícia e Identificação*, v.2, n.1, p.244-260, 1938-1939

Fontes históricas

Estudos

Relatório da Comissão de exame de inspecção das habitações operárias e cortiços no districto de Sta Ifigênia. 1893 in: CORDEIRO, Simone Lucena (Org.). **Os cortiços de Santa Ifigênia: sanitarismo urbanização (1893)**. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo: Imprensa Oficial, 2010.

BARBOSA DA SILVA, J. F. **Homossexualismo em São Paulo: estudo de um grupo minoritário**. São Paulo, 1961. Dissertação (Mestrado) — Escola de Sociologia e Política de São Paulo

WHITAKER, E. de A., KRAUS, E., OLIVEIRA, M. R. de, SINISGALLI, A. **Estudo biográfico dos homossexuais (pederastas passivos) da capital de São Paulo. Aspectos da sua atividade social, costumes, hábitos, “apelidos”, “gíria”**. Arquivos de Polícia e Identificação, v.2, n.1, p.244-260, 1938-1939

Periódicos

O Correio Paulistano, São Paulo

A Gazeta, São Paulo

O Combate, São Paulo

Diário da Noite, São Paulo

Jornal de Notícias, São Paulo

Legislação

LEI n.498, de 14 de dezembro de 1900. São Paulo

Cartografia

Planta da Capital do Estado de S. Paulo e Seus Arrabaldes. Jules Martin. (1890)

Planta Geral da Cidade de São Paulo: adaptada pela Prefeitura Municipal para uso de suas repartições. Comissão Geographica e Geológica. (1905)

Planta Geral da Cidade de São Paulo com indicações diversas. Comissão Geographica e Geológica.(1914)

ANEXO 1

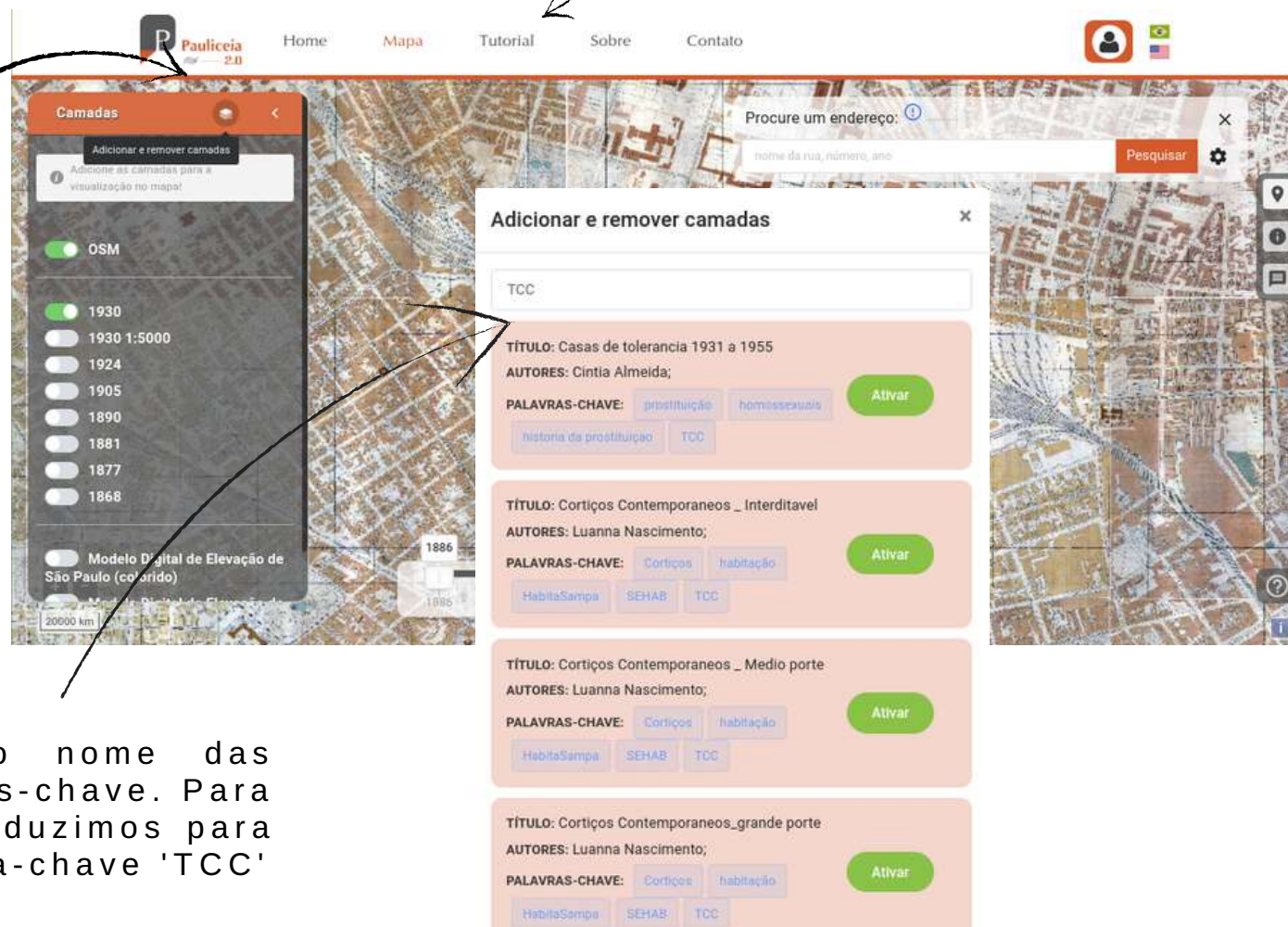
Tutorial de navegação pelas camadas produzidas para o trabalho *Paulicéia 2.0 dos indesejados*

Esse tutorial é uma versão simplificada para facilitar o acesso às camadas produzidas para esse trabalho, no portal há um tutorial completo auxiliando o uso de todas as ferramentas da plataforma.

O portal está disponível em:

<http://www.pauliceia.dpi.inpe.br/portal/explore>

Em 'camadas' podemos selecionar os mapas de fundo e as camadas para visualização. Para isso clique no botão 'Adicionar ou remover camadas'



A busca pode ser feita pelo nome das camadas, do autor ou por palavras-chave. Para reunir todas as camadas que produzimos para esse trabalho utilizamos a palavra-chave 'TCC'

Neste exemplo foram selecionadas as camadas das Casas de Tolerância e Cortiços de Santa Efigênia. Para abrir o painel de navegação clique na engrenagem.



Zoom na camada



Download da camada em formato .shp



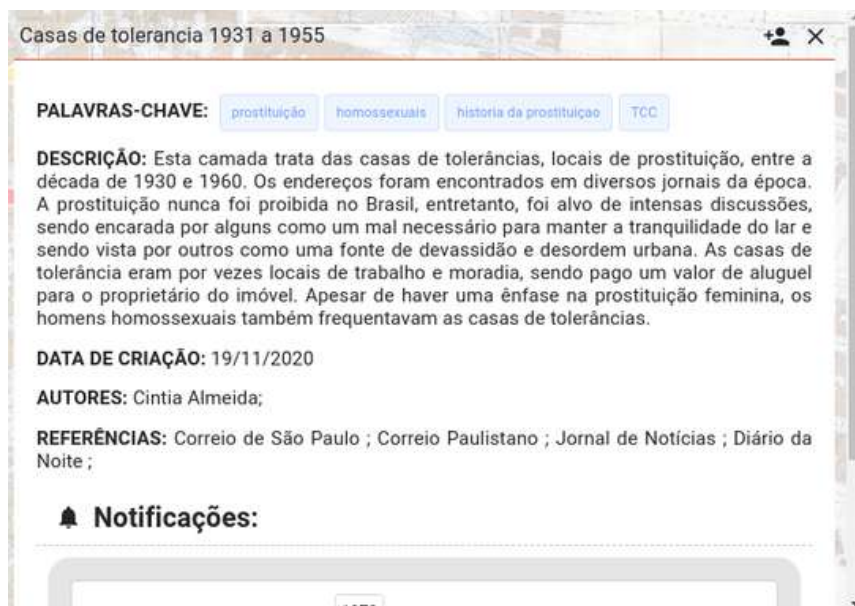
Permite trocar a cor dos pontos, linhas e polígonos que compõem a camada




Descrição da camada



Permite acessar as informações de cada ponto



Uma outra forma de acessar o banco de dados da camada é clicando no ícone  no canto direito da tela.

O usuário pode escolher entre selecionar um ponto específico ou uma área.

Selezione as informações

Por localização Por região Limpar

Atributos da Feature:

| | |
|-------------|-------------------------|
| id: | 12 |
| endereço: | Rua General Osório |
| numero: | 123 |
| tipo: | Cortiço |
| proprietar: | José de Barros |
| encarregad: | Sem Informação |
| area_livre: | 4,15m X 23,9m = 99,18m2 |
| area_const: | Sem Informação |



Com a régua na parte inferior da tela é possível delimitar um recorte temporal na visualização das camadas.



Essas são as informações necessárias para visualizar e contrapor camadas. Para adicionar camadas ou visualizar seus dados acesse o tutorial completo.